

# Cristianismo: Ópio do Povo?

*David Gooding  
& John Lennox*

A Verdade  
Porto Alegre  
2014

## **Cristianismo: Ópio do Povo?**

Originalmente publicado em 1992, como uma série de artigos no jornal russo *Literaturnaya Gazeta*.

Original em inglês: Christianity: Opium or Truth, Copyright © The Myrtlefield Trust, 1997. Todos os direitos reservados.

Tradução em português: Copyright © The Myrtlefield Trust, 2013. Todos os direitos reservados.

Para outras publicações dos Professores Gooding e Lennox, por favor visite o site: [www.keybibleconcepts.org](http://www.keybibleconcepts.org)

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Publicado em português com a devida autorização por:

A Verdade, Caixa Postal 12530,  
Porto Alegre, 91060-970, RS, Brasil  
[www.editoraverdade.com.br](http://www.editoraverdade.com.br)

Traduzido por Sabrina Lopes Furtado

Primeira impressão 2013

Segunda impressão 2014

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G652c=p Gooding, David

Cristianismo: Ópio do Povo? / David Gooding,  
John Lennox; traduzido por Sabrina Lopes Furtado.  
--Porto Alegre : A Verdade, 2013.

140 p. : 12 cm x 19 cm

ISBN 978-85-64006-13-3

1. Cristianismo. 2. Deus - Compreensão cristã.  
I. Lennox, John. II. Furtado, Sabrina Lopes. III. Título.

CDU 27-14

---

Bibliotecária responsável: Lueci da Silva Silveira CRB/10-2023

 A Verdade

[www.editoraverdade.com.br](http://www.editoraverdade.com.br)

# Sumário

Prefácio	5
1. Cristianismo: Ópio do Povo?	7
2. Bíblia: Mito ou Verdade?	13
3. A Ciência Tornou a Crença em Deus Impossível?	41
4. Mas nem Todas as Religiões Levam a Deus?	55
5. Mas, se Há um Deus, por que Tantas Pessoas Sofrem tais Coisas Ruins?	71
6. O Problema da Dor	89
7. A Busca pela Satisfação Espiritual	119

*Site da Ciência e da Fé Cristã*

Por favor, visite o site do Professor John Lennox (JohnLennox.org), no qual você irá encontrar apresentações e debates em vídeo sobre o tema “Ciência e a Fé Cristã”.

# Prefácio

**E**ste livro lida com obstáculos intelectuais e morais que, por vezes, parecem se colocar no caminho das pessoas que tornaram-se interessadas em seguir Jesus Cristo. Seus autores, ambos professores eminentes, valem-se da ciência e da filosofia enquanto exploram essas questões com honestidade e discernimento. Eles apresentam evidências frescas e intelectualmente instigantes para a confiabilidade dos relatos da Bíblia sobre a vida e os ensinamentos de Cristo, juntamente com razões para acreditar nele e segui-lo como Salvador, Senhor e Deus.

Versões anteriores circularam largamente, particularmente na antiga União Soviética, onde mais de meio milhão de cópias foram publicadas. Os publicadores desta edição em português acreditam que muitos novos leitores darão as boas-vindas à oportunidade de ler e apreciar este importante recurso.

**...um manual para estudantes e professores...**



# 1

## Cristianismo: Ópio do Povo?

Foi, sem dúvida, a genuína compaixão pelos pobres que levou Marx a declarar: “A religião é o soluço da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração... o ópio do povo”. Assim dizendo, Marx não estava meramente criticando a falsa religião. A própria Bíblia não é menos rigorosa do que Marx ao denunciar a falsa religião que é conivente com capitalistas sem coração que oprimem seus trabalhadores (ver, por exemplo, Tiago 2:6-7; 5:1-6). Marx estava acusando todas as religiões, porque os trabalhadores as tomaram como um narcótico que atenuava sua dor com promessas ilusórias de céu e, assim, fazia-os tolerar passivamente a injustiça ao invés de lutarem ativamente contra ela.

A cura marxista, portanto, foi primeiramente abandonar toda a religião para, em seguida, começando com o homem como homem, no espírito do verdadeiro humanismo, iniciar a formação de um ‘novo homem’. “O partido considera a educação do novo ho-

mem como a tarefa mais difícil na reforma comunista da sociedade. Até removermos as raízes dos princípios morais burgueses e tudo mais, treinarmos os homens no espírito da moral comunista e os renovarmos espiritual e moralmente, não será possível construir uma sociedade comunista." (22º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, 1961) De modo interessante, o Novo Testamento concorda com o marxismo nesse particular, que pelo menos os rituais religiosos, as disciplinas e o esforço moral são todos insuficientes; nada se aproveita exceto a criação de um 'novo homem' (ver 2 Coríntios 5:17; Efésios 2:8-10; 4:22-24). Naturalmente, marxismo e cristianismo irão discordar sobre o que há de errado com o 'velho homem', sobre qual tipo de 'novo homem' é desejável e sobre quais os meios de introduzir o 'novo homem'. Mas falaremos disso mais tarde. Por enquanto, vamos retornar à questão do ópio.

Se é verdade que, em alguns séculos e em alguns países, a religião tem agido como um sedativo, também é verdade que, em nosso próprio século, as filosofias humanistas, tanto de direita quanto de esquerda, têm agido como poderosos estimulantes. Suas promessas de uma utopia futura reanimaram o senso inato de certo e errado das pessoas em ação heroica e sacrifício para ajudar a realizar a utopia prometida. Por essa causa, durante o último século, milhões morreram. Mas a utopia prometida não foi alcançada. Ela parece mais distante do que antes. E, no que diz respeito a essas milhões de pessoas agora mortas, as esperanças geradas nelas por essas filosofias humanistas, pelas quais deram ou foram privadas de sua vida, provaram ser ilusórias.

O que diremos, então, sobre esse senso instintivo de certo e errado, que todos nós possuímos, o qual nos faz sentir que temos um direito de justiça e que leva muitas pessoas a lutar para obtê-la? Obviamente, ele não foi implantado nos seres humanos pela religião, visto que os ateus o possuem tão ardentemente quanto aqueles que acreditam em Deus. Então, de onde ele vem? E quão válido é considerado como guia para se esperar que a justiça, um dia, irá triunfar?

A Bíblia diz que ele foi implantado em nós por Deus, nosso Criador. Toda a sua autoridade divina o sustenta. E, embora, em nós e em nosso mundo, ele seja constantemente suprimido, distorcido, frustrado e traído como resultado do pecado do homem e da rebelião contra Deus, ele, um dia, será vindicado. Deus irá julgar este mundo com justiça, por meio de Jesus Cristo, e também haverá um julgamento final. A justiça será feita para todos aqueles que já viveram nesta terra (Atos 17:31; Apocalipse 20:11-15). Aqui, então, está uma tremenda garantia. Vale a pena lutar pela justiça e resistir ao pecado, ao mal e a todo tipo de corrupção. Nosso senso de certo e errado é válido: ele não é uma ilusão.

“Mas, não”, diz o humanismo, “nosso senso de certo e errado não é tão significativo assim: é, simplesmente, o produto do desenvolvimento evolutivo”. Então, não há nenhuma garantia de que ele será satisfeito no caso de qualquer indivíduo ou de qualquer geração! E, uma vez que não existe Deus e uma vez que não haverá nenhum julgamento final, os milhões que sofreram injustamente na terra, no passado, não encontrarão justiça nem na vida futura, já que não há nenhuma vida futura. Além disso, os milhões que ainda vivem na

esperança da justiça nesta vida, ou na próxima, irão, do mesmo modo, provar uma desilusão zombeteira. Que tipo de incentivo é esse para se lutar pela justiça agora, ou mesmo por alguma utopia futura que, como aquela que nos foi prometida no último século, pode, de qualquer modo, nunca chegar? Isso não é um estimulante. Isso não é, nem mesmo, um sedativo. Isso é um depressivo.

Mas vamos, agora, considerar a proposição de que nada se aproveita, exceto a formação de um 'novo homem'. Aqui, a Bíblia concorda totalmente com Marx contra muitas formas de religião popular. A Bíblia ensina que o homem é essencialmente mau. Seu coração é enganoso, acima de todas as coisas, e desesperadamente corrupto (Jeremias 17: 9). Nada, nem mesmo os melhores rituais religiosos ou disciplinas, nem mesmo o honesto empenho moral do homem podem curar seu mau coração e tornar o homem aceitável a Deus ou um cidadão apto a qualquer utopia, nada, isto é, exceto a remoção do mau coração do homem e sua substituição por um coração novo, por um espírito novo; em outras palavras, nada, a não ser a criação de um novo homem por meio do arrependimento pessoal e da fé no Filho de Deus, crucificado e ressuscitado, levando à reconciliação com Deus, ao perdão e a uma nova vida (Ezequiel 36:26; Tito 3:1-7; 2 Coríntios 5:17; Efésios 2:8-10).

O marxismo, em contrapartida, ensinou que o homem não é essencialmente mau, apenas ainda imperfeito, corrompido e alienado pela opressão capitalista. Remova a opressão, e o homem salvará a si mesmo e a sua sociedade por seu próprio trabalho. Porém, mais uma vez, a amarga experiência provou que essa esperança também é ilusória. Em todos os séculos, os

melhores esquemas políticos e econômicos foram, e continuam sendo, destruídos pelo contínuo egoísmo, inveja, ciúme, ganância, luxúria, embriaguez, roubo, mentira, crueldade e assassinio do homem. A história mostra que o homem é, como a Bíblia diz que ele é, essencialmente pecador e mau.

Então, como ele pode ser salvo? Certamente, não o será pela independência de Deus: isso é a causa de seus problemas, não a cura, nem mesmo pelos rituais religiosos e pelas boas obras. Falando com um homem que já era muito religioso, Cristo colocou desta forma:

*“O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo”* (João 3:6-7).

Você pode alimentar, escovar e treinar um cão, mas você nunca irá, por esses meios, transformá-lo em um ser humano. Para se tornar um homem, ele teria que nascer de novo. A única maneira de tornar um ser humano caído e pecador em um filho de Deus é a regeneração pelo Espírito de Deus. As esperanças de fazê-lo por quaisquer outros meios são ilusórias.



## 2

# A Bíblia: Mito ou Verdade?

**N**a minha experiência, há diversas razões pelas quais as pessoas pensam que a Bíblia não pode e não deve ser acreditada. Uma razão que muitas pessoas alegam é a de que o Novo Testamento, durante os primeiros quinze séculos de sua existência, teve de ser copiado à mão; com todas as possibilidades de erros e de alterações que isso implica, não podemos ter certeza, assim eles dizem, de que, quando o lemos agora, estamos lendo o que seus autores originais escreveram.

Essa objeção geralmente é feita por pessoas que desconhecem o quão esmagadoramente forte é a evidência do texto original do Novo Testamento. Primeiramente, existe o grande número de manuscritos contendo parte ou a totalidade do Novo Testamento. Há mais de 5.000 deles. Embora, é claro, existam erros de cópia em todos os manuscritos — pois é praticamente impossível copiar um documento extenso à mão sem cometer alguns erros — não há dois manuscritos que

tenham exatamente os mesmos erros. E, portanto, comparando todos estes manuscritos uns com os outros, é possível reconstruir o texto original a um ponto no qual menos de dois por cento seja incerto, com uma grande parte desses dois por cento envolvendo pequenas características linguísticas que não fazem diferença para o significado geral. Além disso, visto que nenhuma doutrina do Novo Testamento depende unicamente de um verso ou de uma passagem, nenhuma doutrina do Novo Testamento é colocada em dúvida por essas incertezas menores.

Também, há a idade de alguns dos manuscritos do Novo Testamento. Uma parte substancial do Novo Testamento existe em um manuscrito que foi escrito por volta de 200 d.C., e o mais antigo manuscrito sobrevivente contendo todo o Novo Testamento foi escrito não muito, caso tenha sido, depois de 360 d.C. Veja o que isso implica. Tome o manuscrito que foi escrito por volta de 200 d.C. Ele, propriamente dito, tem quase 1.800 anos de idade. Quantos anos tinha o manuscrito do qual ele foi originalmente copiado? Não sabemos, é claro. Mas ele poderia facilmente ter 140 anos de idade; e, se tivesse, ele teria sido copiado quando muitos dos autores do Novo Testamento ainda estavam vivos.

Uma comparação irá ajudar. Algumas das obras dos famosíssimos autores antigos gregos e latinos — e aqui eu falo como um estudante das antigas literaturas clássicas ao longo da vida — chegaram até nós em apenas alguns manuscritos tardios (isto é, do sétimo ao nono século). Contudo, nenhum estudioso clássico pensaria em questionar sua validade como representações confiáveis daquilo que os autores originais es-

creveram. Comparada com isto, a evidência do texto do Novo Testamento é esmagadora. Podemos ter toda a confiança, então, de que, quando hoje lemos o Novo Testamento, temos aquilo que seus autores originais pretenderam que tivéssemos. Se você quiser examinar a evidência mais além, eu recomendo o livro do Prof. F. F. Bruce, *Are the New Testament Documents Reliable?*

Mas é claro que, em grande parte, a maior dificuldade que as pessoas têm em acreditar na Bíblia são as reivindicações que ela faz; particularmente, sua alegação de que Jesus é o Filho de Deus, que ele é o Criador encarnado, que visitou nossa terra para se comunicar conosco e para revelar Deus a nós. Muitas pessoas sentem que não poderiam acreditar em um livro que fez tais afirmações. Elas não acreditam na existência de um Criador, de qualquer forma, e, assim, supõem antecipadamente, sem lerem ou estudarem o Novo Testamento por si mesmas, que ele não pode estar descrevendo uma realidade histórica, quando afirma que Jesus era tanto homem quanto Deus. E elas cedem à ideia de que o personagem de Jesus Cristo, conforme descrito no Novo Testamento, é invenção dos autores dos Evangelhos.

### O PERSONAGEM NÃO INVENTADO DE JESUS

Então, em prol da discussão, vamos supor, por um momento, que os autores dos Evangelhos não descreveram simplesmente um Jesus que realmente viveu, mas inventaram esse personagem, tendo como sua matéria-prima, talvez, algum camponês sábio, mas livremente reconstruindo, adicionando, moldando e exagerando, de modo que o resultado fosse um personagem ideal, mais do que humano, porém, fictício

que, como tal, nunca existiu. Suponhamos, eu digo, que assim o era, e, em seguida, elaboremos as implicações de nossa teoria.

A primeira coisa a se dizer sobre isso seria que, se o personagem Jesus é uma ficção literária, então o que temos aqui é quase um milagre. Nós sabemos muito sobre personagens literários fictícios e como é difícil criar um realmente convincente. A literatura mundial está repleta de tais personagens, alguns bem traçados, alguns não tão bem traçados. Agora, é inegável que, se Jesus é uma ficção literária, ele é um personagem que alcançou fama mundial. Para serem capazes de criar um personagem fictício tão famoso, os autores dos Evangelhos devem ter sido gênios literários da maior categoria. Agora, os gênios literários dessa grandeza são muito raros: um não dá de cara com outro em cada esquina. Mas, aqui, temos quatro, todos florescendo de uma só vez. Quem eram esses homens? E que tipo de homens eles eram? Bem, um era pescador, um era cobrador de impostos de nível inferior, um era médico e o outro, um jovem não descrito. É possível que todos os quatro vieram a ser gênios literários de grandeza mundial?

Porém, mais. Mesmo os personagens mais brilhantes e mais realistas permanecem para seus leitores simplesmente como isto: personagens fictícios. Eles não se levantam da página, assumem uma existência independente e se tornam, para seus leitores, uma pessoa viva e real, a quem eles podem conhecer da forma como alguém conhece uma pessoa viva e com quem eles podem ter um relacionamento pessoal. Compreensivelmente, não! Mas é isso que aconteceu a este personagem supostamente fictício, Jesus Cristo.

Ele se tornou, para milhões de pessoas, ao longo de vinte séculos, uma pessoa viva e real, com quem elas afirmam ter um relacionamento pessoal; uma pessoa a quem amam a ponto de estarem preparadas para morrer, como milhares, na verdade, o fizeram. Agora, você pode pensar nelas como ignorantes por se sentirem dessa forma sobre Jesus. Nesta fase, eu não estou pedindo que você aprove. Eu simplesmente estou afirmando o fato inegável. E meu ponto é este: se Jesus era, de fato, um personagem inventado pelos autores dos Evangelhos, então, ao criar um personagem que, para milhões, se tornou uma pessoa viva, digna de amor, devoção e sacrifício, esses autores conseguiram uma proeza literária inigualável em toda a literatura mundial. Milagre não seria uma palavra forte demais para isso. Talvez, de fato, devamos começar a adorá-los?

Há, naturalmente, alguns (embora notavelmente poucos) personagens na literatura que nos parecem pessoas reais, as quais podemos conhecer e reconhecer. Um deles é o Sócrates de Platão. Os diálogos de Platão não são apenas obras filosóficas, são obras da literatura mundial. Mesmo o Sócrates que aparece nelas pareceu a gerações de leitores uma pessoa real, cujos traços do personagem eles reconheceriam em qualquer lugar; tanto é assim que, se a eles fosse apresentada uma representação de Sócrates em alguma obra falsificada, eles diriam imediatamente: “Não, não era assim que o verdadeiro Sócrates teria reagido ou falado”.<sup>2</sup>

Mas a razão pela qual o Sócrates dos diálogos de Platão nos parece assim é porque Platão não o inventou. Ele era uma pessoa real, histórica, que realmente

viveu. A imagem do Sócrates de Platão pode ser altamente polida: mas a pessoa e o personagem de Sócrates não foram nenhuma invenção de Platão. Era precisamente o contrário. Foi o impacto do personagem de Sócrates que ajudou a criar o filósofo e artista literário, Platão.

E assim é com Jesus Cristo. E ainda mais. Apesar de todo mundo reconhecer que o Sócrates dos diálogos de Platão foi uma pessoa histórica real, ninguém, exceto um lunático, afirmaria conhecê-lo agora como uma pessoa viva real ou ter um relacionamento pessoal com ele. As pessoas hoje não morrem por Sócrates. Elas o fazem pelo Jesus do Novo Testamento! De fato ele não é uma ficção literária ou religiosa inventada pelos autores dos Evangelhos. Essas obras descrevem uma figura histórica real que viveu na Palestina, no reinado de Tibério César, que morreu e, como diriam os cristãos, ressuscitou dos mortos e ainda vive.

### JESUS: IDEIA DE UM HERÓI TIDA POR NINGUÉM

Mas não sigamos em frente rápido demais. Vamos ficar, por um momento, com a hipótese de que alguém inventou o personagem Jesus, apresentou essa ficção para o mundo, onde ela imediatamente atraiu pessoas de culturas amplamente diferentes e foi assumida como seu ideal religioso.

Mas essa hipótese cai por terra no primeiríssimo obstáculo. Quanto mais sabemos sobre as principais culturas da época, mais se torna claro que, se o personagem Jesus não tivesse sido uma realidade histórica, ninguém o teria inventado, mesmo se pudesse. O Jesus dos Evangelhos não se ajustou ao conceito de

herói de ninguém. Gregos, romanos e judeus — todos o achavam exatamente o oposto de seu ideal.

Tome primeiro os judeus, e não apenas os judeus que eram e continuaram a ser hostis com Jesus, mas aqueles comparativamente poucos que eram, a princípio, seus amigos. Eles próprios nos dizem — e certamente não inventaram esta parte — que chegou um ponto no qual eles o abandonaram, tão absolutamente contrário era ele em relação ao que eles procuravam em um herói (Mateus 26:47-56). Seu conceito de herói era uma figura messiânica, como Macabeus. Um tipo forte, militar, alimentado com ideais religiosos e preparado para lutar (com a ajuda de assistência angelical, assim acreditava o fervor popular) contra os imperialistas que tinham subjogado a nação e estavam suprimindo a religião nacional.

Mas, quando as questões atingiram o ponto culminante entre Jesus e as autoridades, e elas vieram para prendê-lo, Jesus recusou-se a lutar ou a deixar seus discípulos lutarem e deliberadamente permitiu-se ser preso. Nesse ponto, todos os seus seguidores o abandonaram em desgosto: ele não foi nenhum herói deles! E muitos judeus, até hoje, especialmente aqueles em Israel, sentem-se da mesma forma. Eu tenho um amigo judeu, que simplesmente conseguiu, embora por um fio, escapar das câmaras de gás de Hitler. Ele me diz francamente: “Esse Jesus de vocês é um fraco. Ele não serve como um messias para mim. Minha filosofia é que, se alguém golpear você no nariz, você o golpeia de volta!” É assim que os primeiros discípulos de Jesus originalmente pensavam, e foi só a ressurreição de Jesus Cristo que lhes ensinou o contrário e mudou radicalmente suas ideias daquilo que o Messias deve ser.

Ou tome os gregos daquela época. O tipo de herói que lhes atraía, ou, pelo menos, aos pensadores entre eles, era o ideal epicurista, que cuidadosamente evitava, tanto quanto possível, todas as dores e os prazeres que poderiam perturbar sua tranquilidade, ou o ideal estoico, que, seguindo uma racionalidade rígida, subjugou suas emoções e recebeu o sofrimento e a morte com imperturbada presença de espírito. Sócrates de Platão também, lembremos, bebeu a bebida envenenada com inabalável contentamento e serenidade.

Quão completamente diferente é o Jesus dos Evangelhos, atormentado com angústia e agonia no Getsêmani até seu suor escorrer como pesadas gotas de sangue enquanto pleiteava com Deus para livrá-lo de beber do cálice que lhe era apresentado e clamando publicamente na cruz: *“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”* Ele certamente não era alguém que um grego teria reconhecido como um herói, ninguém que um filósofo grego teria inventado como um ideal no qual se espelhar.

E, quanto aos romanos, entre os filosoficamente inclinados, o estoicismo geralmente era o mais favorecido credo, enquanto os militares e os políticos que entraram em contato com Jesus o acharam um absurdo impraticável. Ele falou de si mesmo como um rei que tinha vindo ao mundo para dar testemunho da verdade. *“Que é a verdade?”*, disse Pilatos. O deus supremo de Pilatos era o poder (João 18:33-38; 19: 1-12). Herodes achou as afirmações de Jesus extremamente engraçadas e seus soldados consideraram um ‘rei’ como Jesus motivo para a mais cruel das chacotas.

O fato claro é que Jesus Cristo, no final, foi o oposto do conceito que todos tinham de um herói ideal, po-

lítico, filosófico ou religioso. Ninguém o inventou, e ninguém, mesmo que o tivesse inventado, teria considerado, por um momento, que ali estava um ideal que instantaneamente apelaria ao público. O maior pregador e missionário cristão, Paulo, confessa em seus escritos que a pregação de Jesus Cristo crucificado constantemente parecia escandalosa aos judeus, e pura loucura aos gregos. Se não fosse pelo fato de que Jesus ressuscitou dentre os mortos, os primeiros discípulos teriam abandonado toda a fé nele. Os Evangelhos nunca teriam sido escritos.

Naturalmente, quando recordamos, agora, do ponto privilegiado de dois mil anos de história, as coisas parecem muito diferentes. Os romanos que zombaram de Jesus eventualmente perderam seu grande império, e Tibério César é, para a massa de pessoas no Ocidente, uma sombra esquecida da história. Mas, hoje, milhões consideram Jesus o maior Rei que já viveu e vivem sua vida em disposta obediência a ele.

Além disso, o princípio de não retaliação perante o mal que ele exemplificou, quando se rendeu aos seus inimigos sem lutar e ao orar por aqueles que o crucificaram, veio a comandar o respeito mundial (mesmo, se não, sua obediência) e ainda desafia nossa insana agressividade e violência humana. Isso tornou a cruz de uma estrutura de vergonha na mais nobre atitude que uma pessoa pode adotar.

E quanto ao contraste entre a tranquilidade de Sócrates e a terrível agonia de Jesus perante a morte e a confissão de Jesus na cruz de que Deus, por um tempo, o abandonara: isso certamente mostra que Jesus não era nenhum filósofo grego. Mas, então, isso nos aponta para o fato de que, na cruz de Jesus, estava aconte-

cendo algo infinitamente mais significativo do que a morte de um filósofo grego. Na linguagem do Novo Testamento, ali estava o Cordeiro de Deus carregando o pecado do mundo e, pelo seu sofrimento, tornando possível a remoção de nossa culpa.

Falaremos disso mais tarde. Por agora, aqui está o meu primeiro argumento: se você supõe que Jesus Cristo é um personagem inventado, você tem um problema insuperável em suas mãos para explicar como os autores dos Evangelhos possivelmente poderiam ter conseguido inventá-lo, e mais, porque eles, de qualquer modo, teriam inventado tal personagem.

### A MAIOR DIFICULDADE DE TODAS?

A maior dificuldade que muitas pessoas encontram em contemplar a possibilidade de que o Novo Testamento possa ser verdadeiro é a sua alegação de que Jesus Cristo é mais do que humano, que ele é Deus encarnado. Certamente, elas dizem, isso deve ser superstição, que surgiu porque as pessoas, no mundo antigo, acreditavam em muitos deuses e imaginavam que os deuses, com bastante frequência, visitaram a terra sob a forma de seres humanos excepcionais.

Bem, você pode pensar dessa forma; mas os fatos são completamente diferentes. Naturalmente, é verdade que todas as nações do mundo antigo acreditavam na existência de muitos deuses e que esses deuses visitavam a terra de vez em quando — isto é, todas as nações, exceto uma. E essa exceção única era a nação judaica, à qual os autores do Novo Testamento, quase sem exceção, pertenciam. Eles eram monoteístas estritos. Eles desprezavam as outras nações por seu poli-

teísmo absurdo e por fazerem deuses de seus reis e heróis. Reivindicar honras divinas para qualquer um, além de Deus, o Criador, era uma blasfêmia tão grave para eles que, de acordo com sua lei, era punível com morte. Em suas devoções religiosas, em cada casa de sua terra, eles foram ensinados, durante séculos, a recitar diariamente como o princípio fundamental da sua fé: *“Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR”* (Deuteronômio 6:4). Pessoas como essas nunca pensariam, por um momento, em crer que Jesus de Nazaré era mais do que humano, a menos que fossem obrigadas a fazê-lo pelo puro peso das evidências.

A mais importante das evidências era o fato de que o próprio Jesus Cristo, por meio de suas ações e suas implicações e, por suas declarações explícitas, alegou igualdade com Deus. Isso me leva a confessar a você que uma das razões mais fortes que eu tenho para acreditar que Jesus é o Filho de Deus é simplesmente esta: ele disse que era! Eu sei que isso soa completamente ingênuo; mas, antes de você me dispensar como um crédulo simplório, dê-me tempo para explicar o que quero dizer.

Suponha que, um dia, eu decida que quero uma opinião sobre alguma questão relacionada à música. Eu não deveria consultar qualquer pessoa. Eu não deveria, nem mesmo, consultar meu vizinho ao lado: ele é um bom médico, mas não é nenhum músico. Não, eu deveria consultar os mais notáveis professores de música com os quais pudesse entrar em contato. Se eu pudesse ressuscitar Bach ou Beethoven, eu os consultaria. Naturalmente.

Agora, suponha que eu quisesse saber não sobre música, mas sobre moralidade. Mais uma vez, eu con-

sultaria os especialistas de mais ilustre classificação mundial que eu pudesse encontrar. E isso iria levar-me, naturalmente, a Jesus Cristo. Ninguém nunca ensinou uma moralidade mais elevada, mais pura. Seu Sermão da Montanha permanece um padrão insuperável. Verifique por si mesmo. Tente viver o Sermão da Montanha por uma semana!

Mas, com isso, chego ao ponto que desejo. Quando, por meio do Novo Testamento, me coloco ao lado de Jesus de Nazaré, seu ensino sobre moralidade, sua santidade de vida, exponho a mim mesmo como o pecador que sou. Não preciso de nenhuma prova externa de que ele é verdadeiro neste nível; eu o sei instintivamente em meu coração. Mas, então, vem o fato notável: foi este Jesus Cristo, cujo ensino moral havia sido impecável e cuja vida condizia com seu ensinamento, que afirmou ser igual a Deus.

O que eu devo fazer com sua alegação, ou melhor, com o fato de ter sido ele quem a fez? Direi que o autor do Sermão da Montanha estava mentindo deliberadamente? Bem, se ele estava, então ele foi o maior hipócrita, a mais desprezível fraude, o mais malvado impostor que já caminhou sobre a terra. Mas é impossível ler os Evangelhos atentamente e sair com a conclusão de que Jesus era uma fraude deliberada. Se você duvida disso, leia os Evangelhos mais uma vez com essa questão em mente. Você certamente é um bom julgador de caráter; você precisa ser, para encontrar o seu caminho com segurança por este mundo. Exercite o seu julgamento em Jesus. Avalie seu personagem como você o encontra nos Evangelhos. Eu mais do que sugiro a você que, de tudo aquilo que você concluir sobre ele, você não concluirá que ele era uma fraude

deliberada.

Mas ele poderia estar genuinamente enganado, você diz, sem ser uma fraude deliberada. Mas, nesse caso, pense no que isso significa. As pessoas que equivocadamente pensam ser Deus, são insensatos. Jesus Cristo era um insensato, então? Bem, se ele era, então pouquíssimas pessoas foram sãs! É impossível estudar o comportamento e as palavras de Cristo como descritos no Novo Testamento e chegar a qualquer conclusão semelhante. O Jesus que podia dizer com convicção: *“Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração”* (Mateus 11:28-29), não era nenhum Hitler ou Mussolini! É um simples fato que Jesus Cristo foi responsável por mais saúde e estabilidade mentais do que qualquer outro no mundo. A leitura de suas palavras tem trazido paz a milhões. A fé nele e em seu sacrifício libertou milhões da tortura de uma consciência culpada. A comunhão diária com ele, para milhões, rompeu o domínio de hábitos destrutivos e lhes deu um novo respeito por si mesmos, um senso de propósito na vida e a liberdade do medo da morte.

Foi Jesus Cristo, é claro, que nos ensinou que Deus é amor. Se você acredita em Deus de qualquer forma, você provavelmente toma por certo que ele é amor. Você pode até supor que qualquer pessoa, em qualquer século, podia ver que Deus é amor. Mas, em toda a minha leitura dos autores antigos gregos e latinos, eu nunca encontrei qualquer autor ou filósofo que dissesse que Deus era amor. Todo-poderoso, sim; bom em um sentido individual e absoluto, aprovando o bom comportamento do homem e desaprovando seus atos

maus. Mas amor? Amor positivo, de coração bondoso, envolvido, generoso e sacrificial pela humanidade? Ninguém nunca pensou nisso ou o ensinou como Jesus Cristo o fez, nem com comoventes afirmações diretas como, por exemplo: *“Não se vendem cinco pardais por dois asses? Entretanto, nenhum deles está em esquecimento diante de Deus. Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais! Bem mais valeis do que muitos pardais”* (Lucas 12:6-7). Essas são as palavras de um lunático?

Também, é claro, ninguém nunca expressou pessoalmente o amor de Deus pela humanidade como Jesus o fez pelo sacrifício de si mesmo no Calvário. Milhares de nobres, e homens e mulheres corajosos, suportaram tortura e sofrimento, e, eventualmente, sacrificaram sua vida por seus amigos ou por seu país, ou em protesto contra algum mau regime. Nós, com razão, os aclamamos como heróis. Mas nós não compreendemos, se supomos que o Novo Testamento está alegando nada além de que Jesus Cristo foi um herói. O que o Novo Testamento afirma sobre Jesus, na verdade, o que ele afirmava sobre si mesmo, é único tanto na história da literatura quanto na religião. No início de seu ministério público (não depois de sua crucificação), seu introdutor oficial, João Batista, anunciou que Jesus viera como o Cordeiro de Deus para tirar o pecado do mundo (João 1:29); e o termo usado, *“o Cordeiro de Deus”*, indicava que Jesus viera para morrer como sacrifício para remover o pecado. Ou, como o apóstolo Pedro, mais tarde, o colocou: *“Fostes resgatados... pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo... carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça... Cristo morreu,*

*uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus” (1 Pedro 1:18-19; 2:24; 3:18).*

E isso era o que o próprio Jesus Cristo considerava o principal propósito de sua vinda ao mundo, sendo mostrado pelo seguinte fato: na noite anterior à sua crucificação, ele instituiu uma cerimônia pela qual seus seguidores poderiam lembrar-se dele. É muito instrutivo observar os detalhes dessa cerimônia. Ele não pediu que, quando seus seguidores se reunissem, recitassem a história de um dos seus espetaculares milagres. Isso sugeriria que a coisa principal acerca de seu ministério era ser um fazedor de milagres. Ele também não disse que eles deveriam selecionar uma parte de seu ensinamento moral e recitá-la. Isso sugeriria que o principal propósito de sua vida era ser um professor-filósofo. Ele disse que eles deveriam pegar pão e vinho para representar seu corpo e seu sangue, e comer e bebê-los em memória do fato de que, na cruz, ele deu seu corpo e derramou seu sangue para garantir-lhes o perdão dos pecados (Mateus 26:26-28).

Os primeiros cristãos compreenderam que o propósito principal da vinda de Cristo ao mundo era dar-se por eles como um sacrifício pelos seus pecados; isso é indicado pelo fato de que, desde o início, como mostram os registros, eles eram encontrados reunidos para realizarem essa cerimônia. Encontra-se no centro e no coração de tudo o que Cristo afirmou e representou. É este abnegado amor de Cristo que tem derrubado a resistência das pessoas a ele e ganhado para si a gratidão e a devoção pessoal de seus milhões de seguidores. Todos dizem com Paulo, o apóstolo de Cristo: *“Esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou, e a si mesmo se entregou por mim”*.

(Gálatas 2:20)

Tudo isso, no entanto, nos leva ao cerne da questão. Há uma razão muito boa e óbvia pela qual ninguém mais nunca afirmou que ele, ou ela, veio ao mundo para morrer como um sacrifício pelo pecado do mundo. Afirmar isso é afirmar não ser um herói, ou mesmo um mártir, mas ser mais do que humano, ser Deus encarnado. Somente um, que era o próprio Deus infinito, poderia oferecer um sacrifício adequado pelo pecado de todo o mundo.

Você verá isso a partir do simples fato de que, se um dos seus amigos declarasse seriamente que o propósito de seu nascimento neste mundo era morrer pelos pecados do mundo, você provavelmente procuraria um psiquiatra para ele. Você consideraria sua afirmação como um sinal de loucura. E, ainda, quando Jesus Cristo faz a afirmação — e ele a fez: há muito vimos que isso não foi inventado pelos autores do Novo Testamento — essa não carrega a mais leve sugestão de que ele era um lunático.

Na verdade, essa sua afirmação, se me permitem falar pessoalmente por um momento, é um dos fatos que me convence de que ele é realmente o Filho de Deus, pois ela diagnostica qual é o meu problema fundamental como um ser humano e me oferece a única solução aceitável para esse problema. Deixe-me explicar.

Todas as religiões e todas as filosofias constantemente me informam, cada uma em suas várias formas, que eu devo ser bom. Isso é útil, suponho; mas isso não toca o meu verdadeiro problema. Eu já sei que eu devo ser bom. Eu não preciso da ajuda da religião ou da filosofia para me dizer isso! Meu problema não é

não saber que eu devo ser bom, mas, incontáveis vezes, eu não fui bom. (E meus vizinhos, percebo, estão na mesma posição). Isso é um enorme problema. O que eu digo sobre meus pecados do passado? Eu quebrei até mesmo meus próprios padrões, quanto mais os de Deus. Eu comprometi meus próprios valores e sujei-os. Como, então, posso encontrar perdão? Se eu decidir que meus pecados passados não importam afinal, então estou dizendo que meus valores não importam também. E, se o que eu faço não importa, então eu, que sou responsável por isso, afinal das contas, não importo. Mas suponha que meus valores importem. E suponha que os padrões de Deus importem e que ele não irá diminuí-los por mim ou por qualquer outra pessoa. Então meus pecados importam. Como posso encontrar um perdão para o meu passado que, por implicação, não destrua meus próprios valores, minha própria importância e, no entanto, muito menos, os de todos os demais? E o mesmo vale para você, bem como para mim.

É justamente aqui que Cristo nos encontra. Ele afirma ter autoridade para conceder-nos perdão, mas sem fechar os olhos ao nosso pecado ou rebaixar os padrões de Deus. Ele não diz que o que fizemos não importa. Ele insiste que a pena por isso seja paga. Mas, então, ele explica, este é o motivo central pelo qual ele veio à Terra: ele é o Deus que define e insiste em uma penalidade para o pecado, o Deus cuja lei quebramos e, portanto, merecemos tal punição. Contudo, ele é o Criador que nos fez, e, em amor e em fidelidade a nós, levou o fardo de nossos pecados sobre si e pagou sua pena pelo seu sofrimento no Calvário. Assim, ele confirmou a sua lei e os nossos valores e ainda tornou possível que a nós seja concedido perdão, se nós o qui-

sermos.

Isso, então, é exatamente o que eu preciso, e você também. Cristo viu a nossa necessidade e foi ao encontro dela como ninguém poderia. Nisto, ele é único. Ao encarar suas afirmações, você pode estar certo disto: você só terá de decidir esta questão uma vez em sua vida. Nenhum outro nunca veio, ou jamais virá, a você para lhe dizer que ele é o Criador que o fez e o ama, que veio como Deus encarnado para morrer por você, para que possa ser perdoado. Jesus Cristo é o único que já o declarou. Sua afirmação é tão direta e tão pessoal: ele diz que morreu por você; isso significa que você pessoalmente deve dar sua resposta individual a ele e à sua declaração.

### A VALIDAÇÃO FINAL DAS AFIRMAÇÕES DE CRISTO

A validação das afirmações de Cristo reside, basicamente, em dois aspectos: na evidência objetiva de sua ressurreição e em nossa própria experiência subjetiva do testemunho do Espírito Santo em nosso coração, quando, tendo sido convencidos pela evidência objetiva, abrimos nosso coração a Cristo e o recebemos pessoalmente como Salvador.

Primeiro, então, sua ressurreição: todos os autores do Novo Testamento afirmam, como você sabe, que, no terceiro dia após sua morte e seu sepultamento, Jesus Cristo literal, corporal e fisicamente, ressuscitou dos mortos.

Talvez, neste ponto, você esteja dizendo a si mesmo que quem acredita na ressurreição de Cristo já deve ter cometido suicídio intelectual; pois sabemos que, hoje, milagres como a ressurreição não ocorrem: a ciência

demonstrou ser impossível.

Mas, na realidade, nós não sabemos, nem a ciência provou tal coisa. E, se você pensa que sim, você não é exatamente o bom cientista que eu considerava ser.

Entretanto você protesta, as leis da ciência mostram que é impossível para um corpo morto viver novamente.

Não, elas não o fazem; na verdade, elas não poderiam. As leis da ciência não são como leis absolutas que encontramos expostas no céu ou em algum lugar. As leis da ciência são descrições, elaboradas pelos cientistas — e toda honra a eles: eu, de minha parte, aplaudo seus esforços —, sobre o modo como o universo normalmente funciona; ou melhor, aquela pequena parte do universo que eles, até agora, foram capazes de estudar e compreender.

Mas há dois dados que devemos considerar neste contexto. Em primeiro lugar, como sabem, talvez, melhor do que eu, existem cosmólogos, hoje, que discutem seriamente a existência dos chamados buracos negros no universo e alegam que, nesses buracos negros, as leis da Física sucumbem; da mesma forma, seguindo as leis da Física em ordem inversa, você chega a um ponto onde não é mais possível descobrir o que aconteceu antes desse ponto, porque as leis da Física não vigoram mais. Você atingiu o que é chamado de uma singularidade no universo.

Agora, eu sei que nem todos os cosmólogos aceitam essa teoria; mas meu ponto é que os cientistas que sugeriram a existência de tais singularidades do universo não são acusados de ter cometido suicídio intelectual. Nem os genuínos cientistas consideram que

as leis da Física provam com antecedência, sem que a evidência seja antes investigada, que, por definição, não poderia haver qualquer singularidade no universo. Para ser capaz de prever *a priori* que nunca poderia haver uma singularidade no universo, a ciência teria primeiramente de entender o funcionamento de cada parte de todo o universo em sua totalidade. A ciência não o fez ainda!

E, em segundo lugar, devemos sempre lembrar que as leis da ciência só podem nos dizer o que normalmente acontece, *contanto que não haja nenhuma interferência no nosso mundo vinda do exterior*. Mas a ciência, como ciência, não pode nos dizer se, de fato, houve tal interferência no passado, ou se haverá no futuro. Temos de ir para a história, não a ciência, para descobrirmos se houve tais interferências no passado. É claro que todos concordamos, cristãos e não cristãos, que tais interferências terão sido extraordinariamente raras: milagres são, por definição, raros. (Mas, então, a própria criação do universo, como aponta C. S. Lewis, só aconteceu uma vez; e a probabilidade de sua ocorrência, de qualquer modo, é realmente pequena!) No entanto, voltar-se para a história com sua mente já convencida de que nenhum milagre jamais pode ter acontecido e recusar-se a investigar a evidência de que, ocasionalmente, milagres aconteceram, não é uma atitude verdadeiramente científica. É obscurantismo.

Não posso, nesta ocasião, discutir detalhadamente a evidência da ressurreição. Ela é vasta demais. Mas deixe-me salientar isto: se você se recusar a acreditar na ressurreição, enfrentará uma série de problemas históricos, inclusive um problema muito grande. Ninguém pode negar a existência da Igreja cristã. Nem

ninguém pode negar que ela nem sempre existiu: ela teve um começo. A questão é: o que a trouxe à existência? Qual foi a sua finalidade? Se você consultar o Novo Testamento, encontrará todos os primeiros cristãos dizendo a uma só voz que a coisa que trouxe a Igreja à existência foi a ressurreição de Cristo e que o propósito para o qual eles foram trazidos à existência era o de testemunhar o fato da ressurreição de Cristo. Seus primeiros sermões estão cheios desse assunto (veja Atos dos Apóstolos).

Os primeiros cristãos eram todos judeus, nascidos e criados. Seu dia santo semanal era o sábado, que é o último, o sétimo dia da semana. Então, de repente, como mostram os registros, em adição ao sábado, eles começaram a se reunir no primeiro dia da semana para comerem pão e beberem vinho em memória de Jesus Cristo. Por que essa mudança, e por que o primeiro dia da semana? Porque, os primeiros cristãos nos dizem, Jesus Cristo ressuscitou dos mortos no primeiro dia da semana.

Por causa da sua pregação sobre a ressurreição de Jesus, os primeiros cristãos foram severamente perseguidos, e alguns foram torturados, atirados aos leões como alimento e, de outras formas, executados. Se eles tivessem ficado satisfeitos de simplesmente pregar a ética cristã, de que as pessoas deveriam amar uma à outra, ninguém os teria perseguido. Mas não, eles insistiam em testemunhar o fato de que Jesus havia ressuscitado dentre os mortos. E muitos deles morreram por isso. Você acha que eles morreram por uma história que eles, os primeiros cristãos, inventaram por si próprios e sabiam ser falsa?

Não importa o que você pensa da Igreja cristã, ela

existe, e, a menos que fechemos nossos olhos para a história, temos de encontrar alguma causa grande o suficiente para explicar seu nascimento. Realidades, como a Igreja cristã, não aparecem do nada sem nenhuma causa. Elimine a ressurreição, e você é deixado, como Professor C. F. D. Moule assinala, com um buraco na história: a Igreja cristã sem nenhuma causa adequada para explicar sua origem e sua existência.

### O QUE TUDO ISSO TEM A VER COMIGO?

Talvez, agora, alguns estejam começando a protestar em voz baixa: “O que tudo isso tem a ver comigo? Eu sou um bioquímico, um engenheiro, um físico. Não se espera que eu vá bisbilhotando a história antiga assim, espera-se? Eu já tenho o bastante para fazer com meus próprios estudos”.

Bem, tudo o que tenho tentado fazer é responder à pergunta a mim imposta: “É necessário cometer suicídio intelectual para acreditar na Bíblia?” Se você realmente não tem tempo para considerar a evidência necessária para responder à pergunta, isso é muito ruim. Mesmo assim, espero ter dito o suficiente para dissuadi-lo de ceder à tentação de sair por aí dizendo que as declarações do Novo Testamento são um óbvio absurdo. Se você fizesse isso sem ter estudado as evidências, poderia ser você a pessoa cometendo o suicídio intelectual!

Mas, naturalmente, há mais do que isso. Se o Novo Testamento estiver certo, Jesus Cristo é o Filho de Deus, nosso Criador — e isso tem tudo a ver com você, comigo e com todos os demais. Se ele for o Filho de Deus, negligenciá-lo, por qualquer motivo, é dez mil vezes

pior do que o suicídio intelectual: é uma culpável indiferença para com nosso Criador. É por isso que o Novo Testamento nos convoca a estudar as evidências com toda a seriedade que pudermos reunir. Nós mal esperaríamos compreender a Física do universo sem estudarmos seriamente as evidências fornecidas a nós pelo próprio universo. Então, como nós poderíamos chegar a conhecer o Criador do universo e entendê-lo sem estudarmos, com igual seriedade, as evidências que ele nos deu sobre si mesmo?

Em meu país, não é incomum achar acadêmicos, físicos, químicos, biólogos e assim por diante, todos altamente inteligentes, que são inclinados a rejeitar a Bíblia por considerá-la um absurdo. Quando, em resposta, eu gentilmente os pressiono a dizer se eles já leram a Bíblia, eles respondem: “Claro que sim”. Quando, então, pergunto-lhes o que pensam das evidências que a Bíblia apresenta para a divindade de Cristo, eles geralmente respondem: “Quais evidências?”

Eu digo: “Tome, por exemplo, o Evangelho de João. Seu autor explica seu propósito em escrever: *‘Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome’* (João 20:31). Essa é a evidência a qual me refiro.” Eu digo: “O que você pensa sobre isso?”

E, repetidamente, eles me respondem: “Ah, o Evangelho de João. Bem, não, eu não li esse. Nós só estudamos Marcos na escola”.

Então, aqui estão eles, alguns, professores formados na universidade, agora na metade da vida, e nunca, desde que eram crianças na escola, estudaram a Bíblia, e nunca leram o Evangelho de João com uma mente adulta e com a seriedade com que estudam seus as-

suntos acadêmicos. Como eles sabem que sua evidência é inútil, se eles nunca a leram, eu não sei. (Como eles podem considerar-se homens e mulheres educados se nunca leram o Evangelho de João seriamente — eu também não sei). Mas o detalhe mais importante em questão é esta: o Evangelho de João vem a nós com a autoridade de Jesus Cristo. Se o que diz é verdade, Deus, nosso Criador, está tentando se comunicar conosco, tentando falar-nos pessoalmente, tentando revelar-se a nós, de modo que, por meio de Jesus Cristo, possamos entrar em um relacionamento pessoal de fé e de amor com ele. Não estarmos interessados em descobrir se é verdade ou não, não estarmos interessados na possibilidade de ouvir o nosso Criador falar conosco, pode parecer indicar uma predisposição estranha e irracional de nossa parte.

“Mas, olha”, meus colegas me dizem, “é inútil nos dizer para lermos a Bíblia, porque não acreditamos nela. Se acreditássemos, é claro que nós a leríamos. Você está nos pedindo para começarmos a acreditar nela e, então, lê-la. É claro que, se acreditarmos que ela é verdadeira antes de começarmos, devemos acreditar em tudo o que ela diz. Mas nós não acreditamos nela e é inútil nossa leitura.”

Mas falar assim é bobagem. Naturalmente, não estou pedindo a eles, nem a você, que acreditem na Bíblia antes de começarem a lê-la. Mas estou-lhes pedindo — e a você — para lê-la e, em seguida, decidir se é verdade ou não. Afinal de contas, é assim que você trata os jornais, não é? Você sabe, antes de começar, que algumas das coisas ali contidas serão verdades e outras, não. Você certamente não decide, antes de lê-los, acreditar em tudo o que eles dizem. Mas isso não o

impede de lê-los. Você tem confiança suficiente em seu próprio julgamento para ler o que dizem, para refletir sobre isso e decidir por si próprio se é verdade ou não. Eu estou lhe pedindo para fazer o mesmo com o Novo Testamento.

E, se você o fizer, o próprio Jesus Cristo garante que, desde que você esteja preparado para cumprir uma condição, Deus irá mostrar-lhe pessoalmente se suas alegações são verdadeiras ou não. E a condição é esta: *“Se alguém quiser fazer a vontade dele”* — isto é, quando descobrir qual é esta —, *“conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus, ou se eu falo por mim mesmo”* (João 7:17). Ele descobrirá, porque, conforme for lendo, estudando e pensando sobre o que Jesus ensinou, Deus falará ao seu coração e lhe mostrará, sem sombra de dúvida, que o que Jesus diz é verdade.

O problema reside, eu suspeito, na condição: *“Se alguém quiser fazer a vontade dele”*. Nós sentimos, antes de começar, que, se Deus nos mostrasse sua vontade, isso levaria a profundas implicações no nosso modo de vida, que talvez não queiramos enfrentar. Então, preferimos abordar esse assunto todo de forma impessoal, como abordamos experimentos em Física, sem nos comprometermos antecipadamente com quaisquer implicações práticas. Mas nós não podemos tratar Deus assim. Não podemos chegar ao Todo-poderoso e dizer: *“Sim, eu gostaria de saber se você existe ou não, e se Jesus Cristo é seu Filho ou não. Por favor, mostre-me. Mas eu gostaria que você entendesse que, se você se revelar para mim, eu ainda não estou necessariamente disposto a fazer qualquer coisa que você possa me dizer para fazer”*. Deus não tem tempo para diletantes espirituais.

Mas, se você estiver sério e disposto a fazer a vontade de Deus, quando a conhecer, então faça o experimento: leia o Evangelho de João seriamente, com uma mente aberta; Jesus Cristo garante que Deus lhe mostrará o que é a verdade.

Alguém dirá, talvez: “Meu problema é este: eu nem mesmo sei se Deus existe. Se eu fizer a experiência que você sugere, eu não devo correr o risco de imaginar que ouvi Deus falar comigo, quando era apenas auto-sugestão? Como eu reconheceria Deus, mesmo se ele falasse comigo?”

Bem, deixe-me terminar contando-lhe uma história sobre um milagre feito por Jesus Cristo (João 9). Você provavelmente pode descartar todas as histórias de milagres como absurdas. No momento, não importa. Eu apelo a isso somente como uma ilustração.

Nesta história, Jesus uma vez encontrou um homem que havia nascido cego e lhe perguntou se ele gostaria que lhe fosse dado visão.

Eu não sei se você já tentou explicar a alguém nascido cego o que é visão, ou como é uma cor, ou mesmo convencê-lo de que existem coisas tais como luz e cor. Mas isso é extremamente difícil! Teríamos entendido perfeitamente se, portanto, o cego respondesse a Jesus que ele não sabia o que era visão e que considerava absurdas todas as afirmações de que havia tal coisa como visão. Assim, pelo menos, é como muitas pessoas reagem, hoje, quando escutam Jesus Cristo dizer que ele pode dar-lhes visão espiritual; que ele pode dar-lhes vida eterna, que é a faculdade de conhecer Deus pessoalmente (João 17:3).

Felizmente, no entanto, o cego disse que, se hou-

vesse tal coisa como visão, ele gostaria de tê-la. Então, Jesus Cristo sugeriu ao homem que havia um experimento que ele poderia realizar, caso estivesse disposto; e ele garantiu que, se ele o realizasse, receberia visão.

Ora, o experimento que Cristo estabeleceu, parecia estranho, como você descobrirá se ler a história. Mas o cego não era obscurantista. Ele raciocinou que Jesus Cristo não era charlatão, tampouco lunático. Se ele disse que havia uma coisa chamada visão e que ele a daria a qualquer um que a quisesse, então valia a pena fazer o experimento. Não havia nada a perder. Havia tudo a ganhar. Então, ele fez o experimento, descobriu por experiência própria que ele funcionava e retornou do experimento, enxergando.

Eu lhe recomendo um experimento similar. Leia o Evangelho de João. Enquanto lê, diga: “Deus, eu não tenho certeza de que você existe. Mas, caso exista e, se Jesus for seu Filho e puder dar-me, como afirma, vida eterna, o que quer que isso seja, fale comigo, revele-se a mim, mostre-me que Jesus é seu Filho. E, se você me mostrar, estou disposto a fazer sua vontade, qualquer que ela acabe por ser.” E Cristo garante que Deus lhe mostrará.

#### NOTAS DE FIM

1. Esta é uma versão revisada de uma palestra primeiramente dada pela Universidade de Marselha, intitulada: “Temos que cometer suicídio intelectual para acreditarmos na Bíblia?”

2.Cf., C.S. Lewis, *Fern-seed and Elephants and Other Essays on Christianity*, Glasgow: Collins, 1982, p. 110.



# 3

## A Ciência Tornou a Crença em Deus Impossível?

### UM MITO MODERNO

Um dos mitos mais profundamente enraizados que moldou o pensamento das pessoas no mundo moderno é a ideia de que a ciência tornou a crença em Deus e no sobrenatural desnecessária e impossível para uma pessoa pensante. É um mito muito difundido e enganoso, que, infelizmente, tornou-se confundido com a verdadeira ciência na mente de muitas pessoas. Vejamos como surgiu o mito.

Existe uma noção comum de que a crença em Deus e no sobrenatural surgiu em um estágio primitivo do desenvolvimento humano. O homem antigo foi confrontado por todos os tipos de processos e acontecimentos que ele não conseguia entender. De alguns deles, como o crescimento de suas colheitas e a fertilidade de seu gado, dependia sua própria vida. Outros deles, trovão, relâmpago, tempestade e doença, ameaçavam sua própria existência. Não entendendo esses processos e com pavor deles, ele fez o que faria uma

criança: os personificou. Quando a Lua entrou em um eclipse, ele imaginou que um demônio de algum tipo estava tentado sufocar a Lua e empenhou-se em todos os tipos de religião e magia para tentar afugentar o demônio. Quando trovejou, ele pensou que era algum deus falando, e, quando um raio caiu, ele pensou que era um espírito maligno tentando destruí-lo. Ele ainda pensou que, observando qualquer fenômeno incomum na natureza, poderia prever o que os deuses fariam. Mas, desde que, em séculos mais recentes, desenvolvemos o método científico com sofisticação cada vez maior, viemos a compreender cada vez mais os processos da natureza. Agora podemos ver que um eclipse não é causado por um demônio, nem os relâmpagos, tampouco as doenças são causados por espíritos malignos. Nós descobrimos que os processos da natureza são impessoais e, em princípio (no nível não quântico), completamente previsíveis. Ateus, portanto, argumentam que não há qualquer necessidade de recorrer à ideia de Deus e do sobrenatural para explicar o funcionamento da natureza. Não há sequer a necessidade de consultar Deus para preencher as lacunas em nosso conhecimento, como o senhor Isaac Newton fez quando disse: “A rotação diária da Terra sobre seu eixo não pode ser deduzida a partir da lei da gravidade, ela precisa de um braço divino...” O ateu, por conseguinte, conclui que Deus se tornou irrelevante, e, como Laplace, diz que não precisamos “dessa hipótese”. Como resultado, o público em geral veio a pensar que a ciência tornou a crença em um Criador desnecessária e impossível.

## UMA FALSIDADE MANIFESTA

Mas há uma falsidade manifesta aqui. Tome um automóvel Ford. É concebível que um selvagem primitivo que estivesse vendo um pela primeira vez e que não entendesse os princípios de um motor de combustão interna pudesse imaginar que havia um deus (Sr. Ford) dentro do motor, fazendo-o funcionar. Ele ainda poderia imaginar que, quando o motor funcionasse docemente, era porque o Sr. Ford, dentro do motor, gostava dele e, quando ele se recusasse a operar, era porque o Sr. Ford não gostava dele. É claro que, eventualmente, o selvagem primitivo iria tornar-se civilizado, aprenderia engenharia e, ao desmontar o motor, descobriria que não havia nenhum Sr. Ford dentro dele e que ele não precisava servir-se de Sr. Ford como uma explicação para o funcionamento do motor. Sua compreensão dos princípios impessoais da combustão interna seria completamente suficiente para explicar como o motor funcionava. Até aqui, tudo bem. Mas, se ele, então, decidisse que sua compreensão dos princípios do motor de combustão interna havia tornado impossível acreditar na existência de um Sr. Ford, que projetou o motor, isso seria evidentemente falso. Da mesma forma, é uma confusão de categorias supor que nossa compreensão dos princípios impessoais segundo os quais o universo funciona torna desnecessário ou impossível acreditar na existência de um Criador pessoal que projetou, criou e sustenta o grande motor, que é o universo. Em outras palavras, não devemos confundir os mecanismos pelos quais o universo funciona com sua causa. Cada um de nós sabe distinguir entre o movimento conscientemente voluntário de um braço para um propósito e uma contração involuntá-

ria de um braço, induzido pelo contato acidental com uma corrente elétrica.

Neste momento, no entanto, aqueles que acreditam no mito tendem a responder da seguinte maneira: “Bem, pode haver um Deus fora do universo que o colocou em funcionamento em primeiro lugar. Mas, na verdade, nada pode ser conhecido sobre ele, e não é tarefa da ciência especular sobre sua possível existência. Por outro lado, com base no que nós conhecemos sobre o funcionamento do universo, podemos afirmar que, mesmo que exista um Deus fora do universo, ele não interfere em seu funcionamento, não pode e nunca irá. E, assim, a ciência torna impossível acreditar na alegação cristã de que Deus invadiu a natureza na pessoa de Jesus Cristo.” Vamos, agora, investigar como surge essa parte do mito.

### O MITO MODERNO NOVAMENTE

Foi uma das magníficas realizações da ciência, além de descrever o que se passa no universo, descobrir as leis invariáveis que regem seu funcionamento. É importante, aqui, entender e admitir o que os cientistas afirmam sobre a natureza dessas leis. Elas não são simplesmente descrições do que acontece. Elas surgem de nossa percepção dos processos essenciais envolvidos. Elas nos dizem que, sendo as coisas como são, a natureza não apenas funciona dessa forma, ela deve funcionar dessa forma e não pode funcionar de outra maneira. As leis não descrevem apenas o que aconteceu no passado: desde que nós não estejamos trabalhando em nível quântico, elas podem prever com êxito o que vai acontecer no futuro com tal precisão que, por exemplo, a órbita da estação espacial Mir pode ser

precisamente calculada, e os desembarques em Marte são possíveis. Por isso, é compreensível que muitos cientistas se ressintam com a ideia de que algum Deus poderia arbitrariamente intervir e alterar, suspender ou inverter o funcionamento da natureza. Com efeito, isso pareceria contradizer as leis imutáveis e, assim, derrubaria a base para a compreensão científica do universo.

Mas, bem aqui, espreita outra falsidade que o falecido Professor C. S. Lewis ilustrou pela seguinte analogia. Se, nesta semana, eu colocar mil rublos na gaveta da minha escrivaninha, adicionar dois mil na semana seguinte e outros mil na próxima semana, as leis imutáveis da Aritmética me permitem prever que, na próxima vez que eu vier até minha gaveta, encontrarei quatro mil rublos. Mas suponha que, na próxima vez em que eu abrir a gaveta, ache apenas mil rublos, o que devo concluir? Que as leis da Aritmética foram quebradas? Certamente não! Eu posso concluir, de forma mais razoável, que algum ladrão quebrou as leis do Estado e roubou três mil rublos da minha gaveta. Uma coisa que seria ridícula afirmar é que as leis da Aritmética tornam impossível acreditar na existência de tal ladrão ou na possibilidade de sua intervenção. Ao contrário, é o funcionamento normal dessas leis que expuseram a existência e a atividade do ladrão.

Então, as leis da natureza preveem o que é obrigado a acontecer se Deus não intervir; porém, é claro que não é nenhum ato de roubo se o Criador intervir em sua própria criação. Argumentar que as leis da natureza nos impossibilitam de crer na existência de Deus e na possibilidade de sua intervenção no universo é claramente falso. Seria como afirmar que uma compre-

ensão das leis do motor de combustão interna torna impossível acreditar que o Sr. Ford ou um de seus mecânicos poderia intervir e remover a cabeça do cilindro de um automóvel. É claro que eles poderiam intervir. Além disso, essa intervenção não destruiria essas leis. As mesmas leis que explicaram por que o motor funcionou com a cabeça do cilindro agora explicariam por que ele não funciona com a cabeça removida.

De passagem, nós devemos observar que a crença em Deus como Criador, longe de inibir a descoberta das leis da natureza, foi, historicamente, uma das principais motivações na busca por elas. O Sr. Alfred North Whitehead, reconhecido como um dos mais eminentes historiadores da ciência, disse: “Os homens tornaram-se científicos porque esperavam lei na natureza; e eles esperavam lei na natureza porque acreditavam em um Legislador”. Exemplos de tais homens abundam: só é preciso pensar em Newton, Kepler, Faraday e Clerk Maxwell. Todos eles concordariam com Einstein que a ciência sem religião é cega, e a religião sem ciência é manca.

Nesse ponto, os proponentes do mito bem podem replicar: “Admitindo, em prol da discussão, que não é anticientífico reconhecer a possibilidade teórica de que algum deus, ou outro, pode ter intervindo em nosso mundo: que evidência real existe de que qualquer evento sobrenatural do tipo já aconteceu?” Os cristãos responderão, naturalmente, que existem evidências abundantes na concepção milagrosa, nos milagres e na ressurreição de Jesus Cristo. Isso será contestado: “Que tipo de evidência é essa? E como você pode esperar que nós a aceitemos? Afinal, ela vem do Novo Testamento, que foi escrito em uma época pré-científica,

quando as pessoas não entendiam as leis da natureza e, por isso mesmo, estavam todas muito prontas a acreditar que um milagre havia ocorrido quando ele não havia." Aqui está uma falsidade adicional.

### UMA FALSIDADE ADICIONAL

Tome, por exemplo, a história do Novo Testamento de que Jesus nasceu de uma virgem, sem um pai humano. Dizer que os primeiros cristãos acreditavam neste milagre porque não entendiam as leis da natureza que regem a concepção e o nascimento das crianças, francamente, é um absurdo. Eles sabiam tudo sobre as leis fixas da natureza de acordo com as quais as crianças nascem. Se eles não tivessem conhecimento daquelas leis, eles poderiam muito bem imaginar que as crianças podiam nascer sem um pai ou sem uma mãe, mas, nesse caso, eles não considerariam a história do nascimento de Jesus a partir de uma virgem como sendo, de qualquer modo, um milagre. O simples fato de relatarmos isso como um milagre mostra que eles compreendiam perfeitamente as leis normais que regem o parto. Na verdade, a menos que alguém compreenda primeiro que existem leis que normalmente regem eventos, como alguém concluiria que um milagre havia ocorrido?

Ou tome outro incidente: Lucas, que era um médico treinado na ciência médica de sua época, começa a sua biografia de Cristo levantando essa mesma questão (Lucas 1:5-25). Ele conta a história de um homem, Zacarias, e de sua esposa, Isabel, que, por muitos anos, oravam por um filho, porque ela era estéril. Quando, na sua velhice, um anjo lhe apareceu e lhe disse que suas antigas orações estavam prestes a serem respon-

didadas e que sua esposa iria conceber e dar à luz um filho, ele, muito educada, mas firmemente, recusou-se a acreditar nisso. A razão que ele deu foi a de que ele agora estava velho e o corpo de sua esposa decrépito. Para ele e sua esposa, terem um filho nesta fase iria contra tudo o que eles sabiam das leis da natureza. A coisa interessante sobre ele é a seguinte: ele não era nenhum ateu, ele era um sacerdote que acreditava em Deus, na existência de anjos e no valor da oração. Mas, se o prometido cumprimento de sua oração fosse envolver uma inversão das leis da natureza, ele não estava disposto a acreditar.

A história diz que o anjo o emudeceu pela pura falta de lógica de sua incredulidade; mas, pelo menos, isso mostra que os primeiros cristãos não eram um bando de crédulos, desconhecedores das leis da natureza e, portanto, preparados para acreditar em qualquer história milagrosa, porém, absurda. Eles sentiam dificuldade em acreditar na história de tal milagre, assim como qualquer outra pessoa. Se, no final, eles acreditaram, era porque foram forçados pelo enorme peso da evidência, diante de seus próprios olhos, de que um milagre havia ocorrido.

Similarmente, em seu relato do avanço do cristianismo (Atos dos Apóstolos), Lucas nos mostra que a primeira oposição à mensagem cristã da ressurreição de Jesus Cristo veio não de ateus, mas dos sumos sacerdotes saduceus no judaísmo. Eles eram homens altamente religiosos. Eles acreditavam em Deus. Eles recitavam suas orações. Mas isso não quis dizer que, na primeira vez em que ouviram a alegação de que Jesus havia ressuscitado dos mortos, eles acreditaram nisso. Eles não acreditaram, pois haviam abraçado o

pensamento popular que não permitia a possibilidade de tal milagre como a ressurreição corporal de Jesus Cristo (Atos 23:8).

Supor, então, que o cristianismo nasceu em um mundo pré-científico de crédulos é simplesmente falso para com os fatos. O mundo antigo conhecia, tão bem quanto conhecemos, a lei da natureza de que corpos mortos não se levantam das sepulturas. O cristianismo ganhou seu caminho por meio do puro peso da evidência de que um homem realmente ressuscitou dos mortos, apesar das leis da natureza.

Algumas pessoas, hoje, que mantêm um pensamento popular semelhante ao dos antigos saduceus, equivocadamente tentam tornar a mensagem cristã mais crível para a mente científica, eliminando completamente o elemento miraculoso do Novo Testamento e apresentando apenas o ensino ético de Jesus. Mas a ideia não funcionará, pois, em primeiro lugar, o próprio Novo Testamento declara que a ressurreição de Cristo não é alguma decoração superficial na mensagem cristã: ela constitui seu coração. Corte o coração, e você destruirá a mensagem. E, quando o próprio Novo Testamento declara ser esse o caso, é inútil para as pessoas, dois mil anos mais tarde, argumentarem que você pode cortar o milagroso e ainda ficar com um cristianismo viável (1 Coríntios 15).

Em segundo lugar, toda a tentativa é concebida erroneamente, pois nosso progresso no conhecimento científico das leis da natureza tornou mais fácil, e não mais difícil, acreditar na ressurreição de Cristo.

## A CIÊNCIA AO LADO DA FÉ

Uma das leis básicas da natureza que a ciência descobriu e constantemente promulga é a Segunda Lei da Termodinâmica, que ensina que o universo, como um todo, está enfraquecendo, a entropia está aumentando. Mas, se o universo está enfraquecendo, é praticamente impossível pensar que isso vem acontecendo por um tempo infinitamente longo. Na verdade, a própria ciência ensina que deve ter havido um ponto no qual o processo reverso estava em operação, e o universo “recebia corda”. Se, então, em um ponto no passado, o universo se fortalecia, não é nem impossível, nem anticientífico, acreditar que, na ressurreição de Cristo, os processos da natureza, mais uma vez, entraram no modo reverso e que seu corpo morto veio à vida e saiu do túmulo. Além disso, a ciência ensina que, embora a entropia do universo, considerado como um todo, esteja aumentando, pode haver situações nas quais a entropia está diminuindo localmente. Sementes desenvolvem-se em árvores que dão frutos; sabemos que isso é possível, porque, nessa situação local, a Terra está recebendo uma entrada colossal de energia do sol. Condizendo com isso, o Novo Testamento ressalta que a ressurreição de Cristo se tornou possível por uma entrada inimaginavelmente grande da energia do próprio Criador: *“A suprema grandeza do seu poder... segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos”* (Efésios 1:19-20).

Apesar disso, algumas pessoas podem ainda sentir uma dificuldade, que expressarão assim: “Essa evidência no Novo Testamento agora é, para nós, muito remota. Como podemos ter qualquer acesso direto a ela? Afinal, todos os milagres em geral e, especialmen-

te, a ressurreição de Cristo não são coisas que acontecem todos os dias da semana ou a cada semana do ano. Não temos nenhuma experiência moderna que aja como uma base de comparação e como um critério por meio dos quais podemos medir sua credibilidade. Espera-se que acreditemos em tudo que os autores do Novo Testamento dizem simplesmente porque eles o dizem?”

### A NATUREZA DOS MILAGRES DE CRISTO

A resposta é que existem muitas considerações que podemos trazer e aplicar ao registro desses milagres com o propósito de avaliar sua credibilidade. Para começar, podemos notar a diferença entre os milagres que o Novo Testamento diz que Jesus fez e as bobas histórias de milagres inventadas por pessoas crédulas nos posteriores séculos degenerados da cristandade. Nessas histórias posteriores, imagens de pedra choram lágrimas de sangue, lobos se transformam em seres humanos, e aves surgem de pedaços de argila. Não há nada como isso nas histórias de milagres no Novo Testamento. Os milagres de Cristo eram congruentes com o funcionamento normal da natureza. Quando Jesus milagrosamente produziu vinho, ele não o conjurou do nada: ele pediu água e transformou aquela água em vinho. Isso é o que a natureza faz todos os anos usando os meios intermediários de uma videira e o solo, o sol e a chuva. Se Cristo tivesse incongruente-mente produzido vinho do nada, nós poderíamos supor que havia algum poder mágico estranho, sem nenhum respeito pela natureza e pelas suas leis. Os milagres de Cristo mostram um respeito pela natureza, como se poderia esperar do Criador da natureza. Ao

mesmo tempo, eles o mostram, compreensivelmente, superior à natureza.

Também podemos considerar a qualidade moral de seus milagres. Nenhum nunca foi feito para prejudicar alguém, nem mesmo para destruir seus inimigos.

Instrutivos, também, são os termos que o Novo Testamento usa para os milagres de Jesus. Às vezes, eles são chamados por uma palavra que denota um ato de poder. Em outras ocasiões, eles são referidos por uma palavra que significa uma maravilha ou um prodígio. Juntas, essas palavras indicam que Cristo deliberadamente realizou atos de poder sobrenatural com o objetivo de vigorosamente direcionar a atenção para si mesmo. Mas, além disso, eles foram destinados a funcionar como sinais apontando para os grandes recursos espirituais que Cristo pode tornar disponíveis a todas as pessoas de todos os tempos e de todos os lugares.

Esse é um aspecto dos milagres de Cristo que é muito enfatizado pelo autor do quarto Evangelho, cuja palavra normal para milagre é “sinal” (embora isso, infelizmente, seja obscurecido em muitas traduções pelo uso da palavra “milagre” em vez de “sinal”). Assim, por exemplo, João nos diz que, quando Cristo milagrosamente multiplicou os pães, ele o fez não apenas para alimentar os estômagos das pessoas, mas para chamar a atenção para o fato de que ele é o próprio Pão da Vida que pode satisfazer a fome espiritual de homens e de mulheres de todas as idades que, pela fé, acreditam nele e o recebem como Salvador e Senhor (João 6). Neste nível, está disponível para cada um de nós provar, em nossa experiência pessoal, se isso é verdade ou não.

## UM EXPERIMENTO

A verificação final é esta. Se Cristo, de fato, ressuscitou dos mortos ao terceiro dia — e ele o fez — isso significa que ele hoje está vivo e pronto, pelo seu Espírito, para entrar em um relacionamento pessoal conosco se nós, de nossa parte, estivermos dispostos a entrar em um relacionamento pessoal com ele. Como em qualquer relacionamento, você não pode experimentar e provar a sua realidade, a menos que esteja disposto a entrar nele. Mas a possibilidade de entrar nele está aberta a todos nós. Isso é o que João quer dizer quando fala dos milagres de Jesus: *“Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”* (João 20:31).

Aqui, então, está um experimento que qualquer um, e todos, podem fazer. Se Jesus é realmente o Filho de Deus, o Evangelho de João vem a nós com a sua autoridade. É a maneira de Deus entrar em contato conosco. Milhões testemunharam que, pela sua leitura, Deus fez-se pessoalmente conhecido para eles. Nós não podemos rejeitar todos esses milhões como tolos. O único ato verdadeiramente científico a fazer é colocar a afirmação à prova, fazendo o experimento e lendo o Evangelho nós mesmos.



# 4

## Mas nem Todos as Religiões Levam a Deus?

Certamente, não é exagero dizer que, para muitas pessoas, hoje, o ateísmo é apenas mais um credo viável. A dificuldade que impede as pessoas de abandoná-lo completamente, entretanto, é a sua incerteza sobre qual credo poderiam satisfatoriamente colocar em seu lugar. Não é autoevidente para elas que a alternativa óbvia ao ateísmo é o cristianismo. Admitindo que a única alternativa ao ateísmo é acreditar em um deus de algum tipo: mas por que, perguntam-se, deve este ser o Deus do cristianismo? Por que não Shiva, Vishnu, Rama, Krishna ou qualquer um, ou todos, os numerosos deuses do hinduísmo? Ou Alá, o primeiro e único deus do islamismo? Ou, o budismo Theravada poderia ser a alternativa mais atrativa ao ateísmo? Ao contrário do budismo Mahayana, que acredita em dez mil e uma divindades, o budismo Theravada não é, de fato, uma religião, mas uma filosofia que não acredita em nenhum deus, seja qual for. Contudo, oferece a seus adeptos um corpo de doutrina (Tri-Pitakas) e um conjunto de disciplinas

calculado para livrá-los da tirania de seus desejos e levá-los a um modo de vida cada vez mais livre da agitação, do estresse e do medo, e a relações pacíficas com seus semelhantes, homens e mulheres.

O propósito de toda religião, como muitas pessoas sentem, é produzir um comportamento aceitável. Portanto, que importância tem, eles dizem, qual sistema específico você escolhe, desde que você siga os preceitos de sua religião escolhida de forma consistente e sincera? Se o objetivo moral é o mesmo, o que importa em qual direção e por qual caminho alguém sobe a montanha? Você atinge o mesmo cume no final. Não é verdade que todos os raios de uma roda levam ao seu cubo? Como G. B. Shaw disse: "Existe apenas uma religião no mundo, embora haja uma centena de versões dela." Então, todas as religiões levam a Deus?

### O QUE AS RELIGIÕES DIZEM SOBRE SI MESMAS

No entanto, nem todas as religiões individuais concordam que são simplesmente rotas alternativas para o mesmo objetivo. Buda afirmou: "Há um único caminho para a purificação dos seres humanos"<sup>1</sup> e "A verdade é uma só, não há uma segunda"<sup>2</sup>. O judaísmo monoteísta nunca vai concordar com o hinduísmo que há milhões de deuses. E o cristianismo dirá ao judaísmo monoteísta e ao islamismo que "*Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos*" (Atos 4:12). Para muitas pessoas, essas afirmações mutuamente exclusivas de primazia parecem arrogantes e perigosamente fora de lugar na aldeia global que o mundo se tornou. Não seria, então, melhor para um ex-ateu seguir a filosofia eclética do

movimento da Nova Era, tomando o que ele gosta de todas as religiões e combinando elementos de animismo, culto à natureza, panteísmo e moralidade cristã em um amálgama pragmático? A Nova Era, negando a existência objetiva da verdade, pode acomodar quase qualquer crença religiosa — desde que a crença não faça nenhuma afirmação absoluta por si só.

Irresistível como tudo isso pode parecer, no entanto, devemos estar vigilantes, pois sua demasiada atratividade é uma ilusão não suportada pelos fatos.

Tome primeiro a alegação de que não importa qual sistema uma pessoa segue desde que ela seja sincera. Em qualquer outro departamento da vida, nenhuma pessoa responsável ficaria contente em ter a sinceridade como garantia da verdade ou de segurança. Todas as formas de prática médica têm, por definição, o mesmo objetivo, a saber, a cura dos doentes. Mas nem todos os medicamentos são igualmente potentes ou igualmente seguros. Alguns produzem efeitos colaterais nocivos. Outros são venenos. Nós não seríamos sábios ao engolir o conteúdo de uma garrafa sem saber diferenciá-lo, porque o rótulo trazia a palavra “medicamento”. Todos nós acreditamos na objetividade da verdade quando se trata de medicamento!

Em segundo lugar, mesmo se fosse verdade — e não é — que o alvo principal de todas as religiões é levar as pessoas a comportarem-se bem umas com as outras, não seria seguro supor, sem investigações adicionais, que se comportarem bem umas com as outras é uma meta suficiente a visar. Nos séculos passados, os mares do mundo foram navegados por muitos navios piratas. Em alguns desses navios, os piratas, sem dúvida, comportavam-se muito bem uns para com os

outros e possuíam regras rigorosas e bem mantidas para garantir que o espólio capturado fosse compartilhado de forma justa. Nesse sentido, eles podem muito bem ter ficado satisfeitos com o padrão de moralidade que haviam alcançado. Mas isso teria negligenciado o fato fundamental de que eles eram piratas em rebelião contra o governo legal em terra! Se esse governo os tivesse pegado, sua moralidade não os salvaria da força. Supor que o principal objetivo da religião é levar-nos a nos comportarmos bem uns para com os outros negligencia a questão de saber se existe um ser supremo, um criador que nos fez, a quem devemos a lealdade e que irá chamar-nos para prestarmos contas de nossa negligência e de nossa deslealdade a ele. E, se houver tal ser supremo e o tivermos ignorado e quebrado as suas leis, não será desculpa, quando ele nos chamar para prestarmos contas, pleitear dizendo que nos comportamos bem para com nossos contemporâneos seres humanos. Aqui há um abismo intransponível entre, digamos, o budismo Theravada, por um lado, e o cristianismo, por outro. Para os budistas Theravada, o homem em sua essência eterna é a maior presença espiritual no universo.<sup>3</sup> No judaísmo e no cristianismo, um homem adotar essa atitude sobre si mesmo equivale à blasfêmia. Para eles, o homem é certamente feito à imagem de Deus; mas o homem não é Deus. Deus continua a ser a maior realidade espiritual, e o homem usurpar seu lugar é o cúmulo da rebelião contra o Altíssimo.

Além disso, existe outra diferença irreconciliável entre religiões como o hinduísmo e o budismo, por um lado, e o judaísmo e cristianismo, por outro. O primeiro par afirma que o mundo material é uma ilusão (*maya*) e que o objetivo verdadeiro do homem sábio é

escapar do mundo material para um nirvana imaterial. Judaísmo e cristianismo negam isso categoricamente. Eles afirmam que a criação material, feita pela mão do Criador, era boa, que os nossos corpos materiais, da mesma forma, eram bons; e, embora corrompidos pelo pecado, serão, um dia, fisicamente ressuscitados. Aqui, então, estão duas irreconciliáveis visões opostas de mundo. Seria um sinal de pensamento muito superficial supor que alguém poderia tirar o melhor de ambos e colocá-los juntos. E, obviamente, fará uma enorme diferença na atitude de um homem para com o mundo em torno dele e até mesmo para com seu próprio ser, qual das duas visões ele vai adotar.

### RELIGIÕES E O PROBLEMA DA CULPA

Naturalmente, é verdade que, quando se trata dos preceitos básicos da moralidade — honrar os pais, não matar etc. — todas as religiões ensinam mais ou menos o mesmo. Compare, por exemplo, os cinco preceitos do budismo com os dez mandamentos do judaísmo. Em uma palavra, as religiões nos ensinam que devemos ser bons. Mas o nosso problema é que nós não fomos bons. Nós já pecamos contra Deus, quebramos suas leis e ficamos sujeitos a suas penalidades. Nós pecamos contra nossos semelhantes, homens e mulheres, e lhes causamos dano. Pecamos contra nós mesmos, e, se somos, de fato, criaturas de Deus, então pecar contra nossos semelhantes e contra nós mesmos também é um pecado grave contra Deus. Os seres humanos são feitos de tal forma que, quando pecam contra Deus e seus semelhantes, desenvolvem uma consciência culpada que destrói sua paz e os assombra como um esqueleto no armário. Para ficarem em paz, para encara-

rem o futuro com confiança, eles devem ser capazes de se livrar dessa consciência culpada. Assim, qualquer religião digna desse nome deve lidar com essa questão da culpa. Mas como? É pior do que inútil tentar se livrar da culpa da consciência dizendo a homens e a mulheres que seus pecados e sua culpa passados não importam. De fato, no fim, isso significaria que as pessoas contra as quais pecaram não importam, que o dano que causaram não importa e que a consciência é uma mera fraqueza de caráter que pode convenientemente ser suprimida com impunidade. Nenhum paraíso jamais poderia ser construído sobre uma teoria como essa, que sugere que, no fim, os seres humanos não importam; porém, infelizmente, a tentativa foi feita mais de uma vez.

Cada homem e cada mulher, portanto, precisa urgentemente de uma solução para esse problema, uma que pode sustentar seus padrões morais e seu senso de justiça e, ao mesmo tempo, trazer-lhes perdão e justamente libertá-los das cadeias da culpa passada.

Aqui, naturalmente, as grandes religiões diferem, e não adianta esconder o fato. Certas formas de budismo negam que haja tal coisa como o perdão. Homens e mulheres simplesmente têm de sofrer seu inevitável karma de demérito, que cada indivíduo acumula para si ao longo de suas vidas presentes e passadas, até que isso se esgote, e eles sejam liberados ao seu nirvana esperado. Eles não podem esperar nenhuma ajuda externa. "Ninguém pode purificar outro."<sup>4</sup> Existe apenas a operação inexorável da lei de causa e efeito, e qualquer excesso de demérito sobre mérito deve ser liquidado em uma sucessão de reencarnações possivelmente infinita.

Algumas formas primitivas do hinduísmo sugeriam que o perdão podia ser obtido pela oferta de presentes cerimoniais e sacrifícios aos deuses. O judaísmo, da mesma forma, tinha um elaborado sistema de sacrifícios em razão dos quais as pessoas poderiam encontrar o perdão de Deus. Mas o próprio judaísmo teve o cuidado de salientar que o sacrifício de bois e vacas não podia ser considerado uma solução adequada ao problema da culpa humana (Salmo 40:6). Afinal, o que as vacas sabem sobre pecado? Elas não vão para a cama, à noite, assombradas por uma consciência culpada. As considerações morais permanecem para sempre sem afetá-las. É a glória e o fardo do ser humano ser consciente das exigências da moralidade.

Na melhor das hipóteses, portanto, os sacrifícios de animais eram apenas uma forma simbólica de reconhecer que a pena do pecado deve ser paga, para que a consciência tenha descanso pelo perdão. Hoje, o judaísmo perdeu até mesmo o sistema de símbolos e não tem nada para colocar em seu lugar. Nisso, assemelha-se ao islamismo, que ensina as pessoas a lançarem-se sobre a misericórdia do Altíssimo, mas não pode apontar qualquer sacrifício que possa adequadamente pagar o preço do pecado.

### A IMPARIDADE INQUESTIONÁVEL DE CRISTO

Neste contexto, o cristianismo é único, pois, embora ensine as pessoas a serem boas, esse não é o maior impulso de sua mensagem. O coração de sua mensagem é que Deus, o juiz contra o qual todos nós pecamos, tomou para si a tarefa de defender a honra de sua lei e da justiça pública, oferecendo o seu Filho como um sacrifício para tirar o pecado do mundo. Nisso,

Cristo é único. De todos os grandes fundadores e líderes de religiões, ele é o único que vem a nós alegando ser nosso Criador encarnado, o qual veio lidar com o problema da culpa do nosso pecado pelo seu sacrifício no Calvário, para que possamos receber perdão e paz com Deus. Por exemplo, como H. D. Lewis afirma: "... e o próprio Buda, de acordo com o famoso texto que descreve o seu falecimento, desmentiu, na época de sua morte, quaisquer afirmações peculiares feitas em seu nome como instrumento de salvação".<sup>5</sup> Perguntar por que temos de pensar que Cristo é o único caminho para Deus é perder o ponto completamente. Ninguém mais se oferece para tratar desse problema fundamental. Cristo é o único. Não é mente estreita aceitar de Cristo o que ninguém mais oferece!

Além disso, é importante ser esclarecido sobre a condição básica na qual a oferta de Cristo é feita, pois aqui, mais uma vez, está uma área em que o cristianismo é único.

Como nem todos aqueles que professam o cristianismo viram esta distinção, nós a salientamos, considerando a metáfora familiar que representa a religião como um caminho ou uma trilha. No budismo, é o "Caminho Óctuplo" ou "Caminho do Meio", e, desde tempos muito antigos, o cristianismo era conhecido como "O Caminho". Nesse esquema de coisas, geralmente, há uma porta no início, através da qual se deve entrar, ou algum ritual ou experiência pela qual se deve passar a fim de pôr-se a caminho. Em muitos, há também um portão no final, que leva para o céu, nirvana etc. — embora os budistas Zen afirmem que a iluminação (satori) é possível nesta vida presente. A ideia comum a todas elas é que, passar pelo por-

tão final ou não (ou atingir a iluminação ao longo do caminho ou não), depende de como você progride ao longo do caminho — o princípio básico é o mérito. As pessoas costumam pensar nisso da mesma forma como o fazem por um diploma universitário. Se você deseja obter um diploma de uma universidade, você deve passar pelo exame de ingresso necessário a fim de se qualificar para entrar na universidade. Se você não passar por essa porta, você não pode nem mesmo começar o curso universitário que possa levá-lo a uma graduação. Mas entrar por essa porta no início não é garantia de que você vai obter um diploma no final do curso, pois existe uma outra porta no final do curso, a saber, a prova final. Chegar ou não a esse portão, dependerá de quão bem você se sairá no curso e na prova final. Os professores empenhar-se-ão para ajudá-lo, mas mesmo eles não podem garantir que você passará. No final, tudo depende de seu mérito. Você tem de ganhar o diploma, mas não pode ser decidido se você fez o suficiente para ganhá-lo até a prova final.

Na mente popular, o próprio cristianismo é uma religião desse tipo. Para obter a salvação e a aceitação de Deus, você primeiro deve entrar através da porta no início da estrada, isto é, o ritual do batismo. Entrar nessa porta o coloca na corrida para a salvação; mas, naturalmente, isso não significa que você já está salvo. Conseguir a salvação e a aceitação de Deus depende de passar pela prova no final do curso, isto é, o juízo final; e passar nesse juízo final deve depender do progresso que você fez e do mérito que você atingiu durante a vida. Naturalmente, a “igreja” e seus dirigentes estão lá para ajudá-lo em tudo o que puderem; mas mesmo eles não podem garantir que você vai passar no juízo final. Assim, a questão da sua aceitação final

por Deus deve ser deixada em aberto até a avaliação final, porque (conforme as pessoas pensam) a aceitação de Deus depende das obras, do progresso e do mérito de alguém.

Agora isso, por mais plausível que pareça, é exatamente o oposto daquilo que o Novo Testamento realmente ensina sobre a aceitação de Deus, pois, nessa matéria, o cristianismo vai claramente contra toda religião. Ele diz, categoricamente, que a salvação não é por obras e mérito. É dom de Deus (Efésios 2:8-9). Como um dom gratuito, portanto, a salvação não pode tornar-se dependente de quão bem alguém progrediu no caminho. A pergunta, então, surge: em que ponto, ao longo do caminho, alguém recebe esse dom? Em que ponto Deus nos dá a garantia de que ele nos aceitou? No final do caminho? Não! No início do caminho, como o Senhor Jesus explicou aos seus contemporâneos: *“Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas **passou** da morte para a vida”* (João 5:24). Ou, como Paulo explicou: *“**Justificados**, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamos-nos na esperança da glória de Deus”* (Romanos 5:1-2). Além disso, vemos em ambas as declarações a garantia de que, com o fundamento de termos sido justificados no início da estrada, Deus nos assegura que passaremos pelo portão no final da estrada também. Como o apóstolo Paulo explicou: *“Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira”* (Romanos 5:9).

## BOM DEMAIS PARA SER VERDADE?

À primeira vista, isso soa de modo tão contrário ao que as pessoas pensam, que elas são inclinadas a descartar isso e a considerar que essa não pode ser uma verdadeira interpretação do cristianismo. Mas esta segurança básica e o senso de ser aceito por Deus foi central nos ensinamentos de Jesus.

*“As minhas ovelhas,” disse ele, “ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatá-lo”* (João 10:27-29).

Mas, no caso de ainda acharmos difícil aceitar que um crente em Cristo possa desfrutar, nesta vida, a paz da aceitação completa de Deus, vamos considerar, por analogia, a mais profunda das relações humanas, que é entre um homem e sua esposa. Para assegurar um casamento feliz, seria sábio um marido deixar o maior tempo possível, depois de uma cerimônia de casamento, antes de permitir que sua esposa saiba que ele a aceitou? A resposta é óbvia. Para uma mulher, passar toda a sua vida de casada incerta de haver feito o suficiente para ganhar a aceitação de seu marido iria transformar essa vida em uma espécie de escravidão. Em casamentos normais, o marido assegura a sua esposa de sua aceitação e de seu compromisso com ela desde o início. É a confiança da esposa no amor e na aceitação de seu marido, desde o início, que traz à tona sua devoção a ele e a dele para ela.

A analogia não é inverossímil. De acordo com o cristianismo, a salvação não é um esquema de acumulação de méritos que compra a aceitação de Deus. É

uma questão de entrar em um relacionamento pessoal presente com nosso Criador, que a Bíblia descreve em termos de amor de um marido para sua esposa (Efésios 5:22-33). Essa relação não é para ser deixada na incerteza até o fim da vida. Na verdade, se for para ser formada, ela deve ser formada agora, nesta vida. Mas uma vez formada, durará eternamente.

Mais uma vez, para muitas pessoas, parece que isso simplesmente não pode ser verdade; pois, se fosse, seria, elas pensam, perigoso. “Se pudéssemos ter certeza, nesta vida, da aceitação de Deus”, elas dizem, “isso não nos levaria a abusar de seu amor e de sua graça por vivermos indignamente?”

A questão parece razoável o suficiente, especialmente para pessoas que nunca experimentaram o que acontece quando alguém responde ao convite de Cristo e entra nessa relação pessoal com ele. Mas a resposta à pergunta é “Não”, decididamente “Não”. E “Não”, devido à porta pela qual devemos passar para começar o caminho cristão. A porta não é o rito de batismo infantil, realizado em um bebê que desconhece completamente o que está acontecendo. É o verdadeiro novo nascimento, produzido em uma pessoa pelo poder regenerador do Espírito Santo (Tito 3:3-7; João 3:5-16). Não é alcançado pelo esforço de uma pessoa e pelas suas obras. É um dom dado a todos que pessoalmente se arrependem e recebem a Cristo como Senhor e Salvador (João 1:12-13; Efésios 2:8-10), mas, porque o dom é a nova vida espiritual, com novos poderes, novos desejos, novos objetivos e, acima de tudo, uma nova relação com Deus, isso naturalmente leva a boas obras, na verdade, a um novo estilo de vida. Isso não significa que o crente seja perfeitamente sem pecado;

mas, quando pecar, um crente verdadeiro se arrependerá, confessará seus pecados e receberá o perdão prometido de Deus (1 João 1:9).

Esta, então, é a glória do evangelho cristão. Mas carrega um corolário grave. Quando não há nenhuma evidência de um estilo de vida mudado, há todas as razões para duvidar se esse novo nascimento aconteceu de fato, se realmente a pessoa em questão já entrou pela porta. As Escrituras dizem: *“Assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta”* (Tiago 2:26). Não é pelo choro que o bebê ganha a vida; mas um recém-nascido que não chora provavelmente está morto.

### A AFIRMAÇÃO DA VERDADE DE CRISTO NÃO É TIRANA

Um ponto final surge em conexão com a afirmação de Cristo ser o único Salvador. Por exemplo, ele disse: *“Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”* (João 14:6). Da mesma forma, seus apóstolos proclamaram sua desigualdade: *“Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”* (Atos 4:12). Agora, em um mundo cada vez mais pluralista, muitas pessoas ficam muito apreensivas quando ouvem tais afirmações. Elas compartilham o medo articulado por Karl Popper no seu famoso livro, *The Open Society*, de que a crença de que apenas um possui a verdade é sempre implicitamente totalitária. Popper salienta que é apenas um pequeno passo da confiança que diz: *“Eu tenho certeza...”* à tirania que diz: *“...portanto, devo ser obedecido”*. Isso leva Popper a dizer que todas as afirmações de verdade

absoluta devem ser rejeitadas para proteger a sociedade. Como a história nos fornece muitos exemplos da realidade desse medo, é de importância vital que vejamos que Cristo, que fez tais afirmações, repudiou a violência e a tirania. Na verdade, esta é uma das glórias da mensagem cristã: que Cristo não forçou seu caminho na vida das pessoas com demonstrações explícitas de poder — e não lhe faltava poder. Ele queria que homens e mulheres viessem confiar e amar a Deus — e confiança e amor não podem ser forçados, eles só podem ser ganhos. Cristo demonstrou seu amor e seu cuidado para com as pessoas, como os Evangelhos descrevem em detalhes. E, quando algumas pessoas, no entanto, o rejeitaram e lhe pediram para que saísse, ele não os forçou violentamente a se submeterem a ele, contudo aceitou seu veredito e foi embora triste (Mateus 8:34-9:1). E, quando seus discípulos pegaram espadas para defendê-lo, ele os impediu imediatamente, proferindo as famosas palavras: *“Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão”* (Mateus 26:52). Para Pilatos, o procurador romano, diante de quem ele tinha sido acusado como um potencial líder de insurreição, ele disse: *“O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus...”* (João 18:36) Respondendo a essa declaração, com a plena autoridade de Roma atrás dele, Pilatos pronunciou-se: *“Eu não acho nele crime algum”* (João 18:38). O contexto é a afirmação de Cristo a Pilatos de que ele era um rei, vindo ao mundo *“a fim de dar testemunho da verdade”* e afirmando que *“Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz”* (João 18:37). Assim, a sentença de Pilatos mostra que ele não viu nenhuma ameaça política na afirmação de Cristo.

Além disso, Cristo até orou pelos soldados que foram designados para crucificá-lo. Ele não pode, portanto, ser responsabilizado por aqueles de seus professos seguidores que, em desobediência direta a seu comando explícito, usaram força e violência para tyrannizar outros. Tal comportamento simplesmente não é cristão, seja lá o que possa afirmar o contrário. As afirmações de Cristo, se verdadeiramente aceitas, levam as pessoas a obedecerem a seus ensinamentos e, sobretudo, a amarem até seus inimigos. Cristo não pode ser nem um pouco criticado pelo comportamento daqueles que, ao longo dos séculos e ainda hoje, rejeitam seus ensinamentos e transformam o cristianismo em uma tyrannia.

#### NOTAS DE FIM

1. R. C. Zaehner, *The Concise Encyclopaedia of Living Faiths*, London: Hutchinson, 1977, p. 265.

2. *Ibid.*, p. 275.

3. *Ibid.*, p. 409.

4. *Ibid.*, p. 265.

5. Lewis and Slater, *World Religions*, London: Baltimore Penguin Books, 1966.



# 5

## Mas, se Há um Deus, por que Tantas Pessoas Sofrem tais Coisas Ruins?

**F**ornecer respostas satisfatórias para este problema é, necessariamente, uma tarefa complicada. Quando as pessoas estão comparativamente livres do sofrimento e podem ter uma visão objetiva e desapaixonada da questão, elas procuram explicações racionais que possam satisfazer seus intelectos. Por outro lado, quando as pessoas sofreram, ou ainda estão sofrendo, angústia física e mental, ou estão padecendo sob um sentimento de pesada injustiça, meras explicações racionais raramente são suficientes. Elas procuram respostas que irão satisfazer não só sua cabeça, mas seu coração; respostas que aliviarão sua angústia, fortalecerão sua fé, lhes darão esperança, força e coragem para resistir.

Deixe-me ilustrar o ponto. Suponha que vocês sejam pais de uma garota de doze anos de idade e é descoberto que ela tem uma coluna vertebral defeituosa. Os médicos dizem que ela precisa de uma longa série de complicadas cirurgias de transplante ósseo para

fortalecer e reforçar suas vértebras. Se ela não começar esse tratamento agora, será tarde demais quando ela for mais velha, e, mais tarde na vida, ela vai desenvolver uma curvatura muito ruim e dolorosa na coluna vertebral. A questão é se ela deve sofrer as cirurgias ou não? Não se pode deixar que a garota tome a decisão por si mesma: ela é jovem demais para compreender e prever todas as questões envolvidas. Vocês, os pais, no final, terão de tomar a decisão por ela. O que você dirá a ela?

Você, sem dúvida, começará explicando, em termos que ela possa entender, as razões fisiológicas que tornam as cirurgias necessárias e por que não há nenhuma outra maneira de deixá-la melhor. Você dirá honestamente a ela que isso envolverá dor, mas os cirurgões são muito gentis e muito inteligentes, e, no final, o resultado será tão bom que ela ficará feliz de ter sofrido as cirurgias. Em outras palavras, você considerará muito importante prepará-la intelectualmente para enfrentar a provação.

Entretanto, o problema é que, no momento, ela não está sofrendo qualquer grande dor; mas, se realizar o tratamento, toda vez que ela acordar da longa série de cirurgias às quais você a terá submetido e durante meses depois, ela estará sentindo uma dor excruciante. Como você responderá quando ela, então, soluçar: "Por que você me colocou nessa terrível dor?" Meras explicações intelectuais dificilmente serão suficientes. Você, agora, precisará assegurá-la de seu amor, deixá-la sentir que você está com ela em seu sofrimento e aumentar sua esperança de que, no fim, tudo vai dar certo. E, enquanto isso, você fará tudo o que puder para fortalecer a fé dela em você, no seu amor, em sua

sabedoria e nos médicos; pois, se ela perder essa fé, sua batalha contra a dor será imensamente mais difícil e pode até ser perdida.

Assim acontece conosco, adultos, quando enfrentamos pela primeira vez o problema intelectual do sofrimento e, em seguida, a experiência do próprio sofrimento. Precisamos de mais de um tipo de resposta. Começamos, entretanto, com o problema intelectual.

### O PROBLEMA INTELECTUAL

Este é, na verdade, um problema duplo, pois o sofrimento vem sobre nós de duas fontes logicamente distintas (embora, na prática, as duas fontes estejam, por vezes, indissoluvelmente entrelaçadas). Uma fonte é o mal pelo qual o próprio homem é diretamente responsável, isto é, a injustiça comercial, a injustiça política e civil, a exploração, a agressão, a tortura, o assassinato, o estupro, o abuso de crianças, o adultério, a traição, a escravidão, o genocídio, as guerras e coisas do tipo, e, em adição, todos aqueles erros, talvez menores em escala, que, contudo, são responsáveis pela mais difundida miséria em nosso mundo, a saber, as coisas danosas e prejudiciais que todos nós fazemos um ao outro. Chamemos isso: o problema do mal.

A outra fonte de sofrimento são as catástrofes naturais: terremotos, vulcões, maremotos, inundações, deslizamentos, avalanches, raios ultravioletas, secas, pragas, fomes, pestes (por exemplo, gafanhotos ou mosquitos da malária), pelas quais o homem não é imediatamente responsável (embora possa contribuir indiretamente para algumas delas por danificar o ecossistema irresponsavelmente), e outras coisas,

como deformidades congênitas e doenças que destroem a personalidade, pelas quais, novamente, o homem não é imediatamente responsável (embora ele possa contribuir para algumas delas, tanto direta como indiretamente). Chamemos isso: o problema da dor.

Seja de uma fonte ou de outra, o sofrimento desafia fortemente a fé em Deus. O problema da dor diz: "Como podemos acreditar que um mundo em que existem tantos desastres naturais foi criado por um Deus pessoal Todo amoroso, onipotente e onisciente?" O problema do mal adiciona: "Como podemos conciliar a existência do enorme mal e o fato de que este é permitido, com a existência de um Deus Todo poderoso e Todo santo, que supostamente está preocupado com a justiça?" O problema intelectual, então, é certamente grave: seria insensato negá-lo, ou mesmo subestimá-lo.

### UMA SOLUÇÃO QUE TORNA AS QUESTÕES PIORES

Existe uma maneira simples de eliminar esse problema intelectual sem demora: abraçar o ateísmo! Negar que existe um Deus. Então, de qualquer modo, não haverá nenhum problema em esclarecer o mal e a dor. De fato, se não há nenhum Criador inteligente, precisamos supor que nosso mundo, e nós mesmos dentro dele, fomos trazidos à existência por forças descuidadas e impessoais, que inconscientemente produziram e desenvolveram uma matéria sem inteligência. Então, após milhões de anos de permutações aleatórias, essa matéria deu origem às mentes inteligentes que poderiam protestar contra o sofrimento. Mas isso aconteceu acidentalmente. Tais forças não tinham intenção

de fazê-lo; e, tendo feito, não perceberam o que haviam feito. Elas simplesmente continuaram a proceder com sua maneira impensada, não planejada, sem qualquer objetivo final em vista, sem se importarem se o resultado era bom ou ruim, intelectualmente aceitável ou não. Nessa suposição, então, não haveria nenhuma dificuldade, de qualquer modo, em esclarecer a existência do mal e da dor. O que mais se poderia esperar desse procedimento descuidado, se não uma quantidade colossal de dor? (Agora, naturalmente, haveria uma dificuldade intransponível em esclarecer o esquema detalhado e sofisticado e a grande beleza que observamos em todo o universo.)

O ateísmo, então, inegavelmente se livra do problema intelectual do sofrimento: *mas ele não se livra da dor*, nem nos ajuda a suportá-la. Na verdade, ele pode tornar a dor mais difícil de suportar, porque, se há um Deus pessoal, e ele nos criou, então existe uma base sólida para acreditar que o sofrimento não é simplesmente destrutivo e, em última instância, sem sentido, mas pode ser usado por Deus para o nosso bem eterno. O raciocínio por trás dessa dedução é bastante simples. Pais humanos normais aceitam a responsabilidade moral pelas crianças que trouxeram ao mundo, as amam e procuram seu bem. Tais pais encontram essa preocupação pelos seus filhos embutida em sua própria natureza. É altamente improvável, então, que o próprio Deus que os criou e colocou essa preocupação em seus corações seja totalmente indiferente a suas criaturas e não aceite qualquer responsabilidade moral por tê-las criado (Lucas 11:13). Aqui, então, está uma base sólida para esperança; e, quando as pessoas estão no meio do sofrimento por dor ou por injustiça, tal esperança é, muitas vezes, a única coisa que pode

confortar, apoiar e ajudá-las a resistir. É em contextos como esses que a Bíblia comenta:

*“E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo. Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos”* (Romanos 8:23-25).

Mas o ateísmo remove tal esperança completamente. Ele deixa as pessoas em sua dor, dano e pesar, sem conforto emocional ou espiritual, enquanto seus intelectos precisam se submeter à irracionalidade tirana do sofrimento desesperado e sem propósito trazido por forças descuidadas e sem coração que, infelizmente, são seus mestres.

Tome uma jovem mãe de trinta e três anos, cujo marido acaba de ser baleado pela máfia e ela própria diagnosticada com câncer terminal. O que um ateu pode dizer a ela? Seu senso de justiça foi ultrajado pelo assassinato de seu marido. Mas o ateu, se for honesto, terá de dizer que seu senso de justiça não é nenhuma garantia de haver qualquer justiça objetiva no mundo ou no universo. Seu marido não conseguiu justiça nesta vida; e ele também não obterá justiça na vida futura, pois não existe vida futura, nem qualquer Deus para ver que, enfim, a justiça deve ser feita. A esperança de justiça provou-se a ele um sonho vazio. E, quanto a ela, o ateu terá de dizer que nunca houve qualquer propósito final por trás de sua existência, nem há qualquer objetivo a esperar além de sua curtíssima vida; seu sofrimento e sua dor são absolutamente sem valor.

Portanto, não há nenhuma esperança. Os ateus são, como a Bíblia explica: *“Sem Cristo... não tendo esperança e sem Deus no mundo”* (Efésios 2:12).

A solução do ateísmo ao problema do mal e da dor, assim, contribui para aumentar a dor. De forma emocional, moral e intelectual, é simplesmente destrutivo.

Existem outras tentativas para resolver o problema que o ateísmo não consegue. A mais comum delas é a de admitir que Deus é Todo-bondoso, porém negando que ele é Todo-poderoso. No entanto, essa “solução” não é uma solução real de qualquer modo, porque, mais uma vez, resolve o problema intelectual, até certo ponto, mas falha totalmente, da mesma forma que o ateísmo, em nos ajudar a enfrentar nosso sofrimento.

Isso nos leva, então, a uma pergunta-chave: Existe alguma base para se pensar que o sofrimento, de qualquer que seja a fonte, não é incompatível com a existência de um Criador Todo-amoroso, onipotente e onisciente, que, apesar do sofrimento que ele permite, é leal a nós, suas criaturas, tem um glorioso destino para nós, se o quisermos, e pode usar a dor para nos preparar melhor para esse destino?

### UMA RESPOSTA AO PROBLEMA DO MAL

Vamos começar com o problema do mal, uma vez que o mal cometido pelo homem sobre o homem é, na verdade, responsável por muito mais sofrimento do que os desastres. Tome o século XX. Os milhões que pereceram em desastres naturais são poucos em comparação com os bilhões abatidos em duas guerras mundiais e incontáveis outras guerras; por ditadores de direita e de esquerda, por Hitler e Stalin, Pol Pot e o

governo da Indonésia; nas perseguições políticas e religiosas, pela máfia e as organizações terroristas; pela violência sofisticada de Hiroshima e de Nagasaki, e pela selvageria subumana da Iugoslávia e da Ruanda; por nações democráticas que impulsionaram suas economias fabricando armas e as vendendo aos governos repressivos, que não têm respeito pelos direitos humanos; por industrialistas que ganham fortunas fabricando milhões de minas terrestres, as quais vendem para o Afeganistão e a Angola, onde irão explodir as pernas de milhares de civis inocentes, inclusive crianças; pela exploração do Terceiro Mundo pelo Primeiro Mundo e pela corrupção nos países do Terceiro Mundo que colocam milhões de dólares de ajuda internacional nos bolsos dos seus ditadores, enquanto deixam seu próprio povo na miséria e na pobreza. Comparado com todo esse mal deliberado, um desastre natural, como um vulcão, parece inocente.

A compreensível reação de muitas pessoas a esse dilúvio interminável de mal é dizer: “Deus não deveria estar preocupado com a justiça? E ele não deveria ser Todo-poderoso? Por que, então, se há um Deus, ele não põe um fim a todo esse mal?”

Bem, a Bíblia diz que ele certamente irá por um fim a isso um dia.

*“Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um homem que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.” (Atos 17:31)*

“Mas para que nos serve”, muitas pessoas dizem, “a promessa de que, um dia, num futuro distante, no fim do mundo, Deus irá colocar um fim a todo mal? Por que, se Deus realmente existe, ele não faz isso ago-

ra, intervindo e destruindo, ou, de alguma forma, colocando fora de ação todos os homens maus e perversos? Ele deveria ser Todo-poderoso, não é? Ele *poderia* fazê-lo. Por que não o faz?"

Bem, Deus certamente poderia fazê-lo, e, em casos extremos, ele o faz. A Bíblia registra que, em uma fase na história, Deus destruiu toda a raça humana (exceto oito pessoas) por meio de um gigantesco dilúvio (Gênesis 6-8), como ele tornará a fazer por fim, só que, desta vez, não por água, mas por, como parece pela sua descrição (2 Pedro 3), uma fusão atômica.<sup>1</sup> Similarmemente, quando a extrema imoralidade de Sodoma e Gomorra, com toda a sua doença resultante, tornou-se intolerável, Deus usou causas naturais para incinerar aquelas duas cidades e, assim, fumigar toda a região (Gênesis 19).

### O PROBLEMA COM O JULGAMENTO INDISCRIMINADO

Mas há um problema que a própria Bíblia menciona explicitamente em relação a Sodoma e Gomorra. Quando o pecado grosso e o mal contaminam uma sociedade toda, como pode um Deus justo destruir aquele comparativamente inocente juntamente com o extremamente culpado? Com uma cidade pequena como Sodoma, era moderadamente fácil arranjar um meio para as poucas pessoas comparativamente inocentes fugirem da destruição geral. Mas, algumas vezes, o grande mal contagia nações, países, impérios inteiros; e, então, milhões de pessoas são apanhadas em diferentes graus nas políticas cruéis e arrogantes de seus governantes. Professores são obrigados a injetar na mente de seus alunos, digamos, fascismo raivo-

so e ódio genocida das minorias (como na Alemanha de Hitler), ou ateísmo que desafia a Deus (como em países marxistas). Homens são forçados, por um falso patriotismo, a se envolverem em cruéis guerras ideológicas de expansão imperial. Professores universitários são pressionados a reinterpretar a história (e, às vezes, até a ciência) em conformidade com a política de seu governo, independentemente do que sabem ser a verdade. Nesse caso, como poderia um Deus justo destruir nações inteiras sem destruir simultaneamente massas de pessoas comparativamente inocentes (embora ainda pecadoras) junto com os culpados?

“Mas o ponto é justamente esse”, diz alguém, “se Deus é onisciente, bem como onipotente, ele pode realizar um julgamento seletivo de todos individualmente, eliminar o mau e deixar o bom. Então por que ele não o faz?”

Bem, suponha que ele o fez. Suponha que ele interveio hoje e destruiu todos os indivíduos maus e pecadores, em todos os lugares em todo o mundo, sem exceção. Onde, com justiça, ele pararia? E quantos sobriariam? Onde ele iria traçar a linha entre o mau e o bom? E quais são as pessoas más, e quais são as boas? “Livre-se dos capitalistas”, dizem os comunistas, “e você terá um mundo bom com pessoas boas.” Os capitalistas, naturalmente, dizem o contrário. E, trazendo isso ao nível pessoal, o que Deus teria a nos dizer?

Existem outras considerações. Vamos imaginar dois homens egoístas, cruéis, dados ao mau humor e à violência, a mentiras e à traição. Um deles é um cidadão que possui pouco poder; mas seu mau comportamento arruína a vida de sua esposa, rompe seu casamento e causa a seus filhos danos psicológicos sérios, se não

irreparáveis. O outro homem é o ditador do seu país. Ele possui imenso poder, e, por causa disso, seu mau comportamento leva sofrimento e morte a milhares de pessoas. O que o primeiro homem teria feito se tivesse o mesmo poder do segundo? Qual é, portanto, no coração, o pior homem?

De acordo com a Bíblia, o veredito de Deus sobre nós como indivíduos é que, de fato, todos nós pecamos, eu, você e todos os demais. Julgados pelos padrões absolutos de Deus, mesmo em diferentes graus, somos todos maus. Nenhum de nós é inocente (Romanos 3:10-20, 23).

Mas Deus não é apenas justo, ele é compassivo e misericordioso. O povo da antiga cidade de Nínive, especialmente seus governantes, eram notoriamente cruéis, e, para fortalecer seu poder imperialista, empenharam-se na deportação em massa das populações que conquistaram. Por causa disso, Deus os ameaçou destruir, mas ele estava disposto a atrasar a execução do seu juízo a fim de dar-lhes a oportunidade de se arrependerem; e ele repreendeu o profeta israelita, Jonas, por exigir a imediata destruição deles (Jonas 1:1-2; 3:1-4:11).

Por motivos semelhantes, o Novo Testamento explica por que Deus está disposto a esperar o que, para nós, é um longo tempo, antes de acabar com o mundo e colocar um completo fim no mal:

*“Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento. Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor (dia do juízo)...” (2 Pedro 3:9-10).*

“Mas, se Deus vai acusar a todos nós de sermos maus e pecadores”, diz alguém, “ele supostamente nos criou, não é? Então por que ele não nos criou de tal forma que não pudéssemos pecar e fazer o mal?”

### A GLÓRIA E O INEVITÁVEL CUSTO DE SER HUMANO

Bem, ele poderia ter feito; mas isso significaria negar-nos qualquer tipo de livre-arbítrio e escolha genuinamente livre. Nesse caso, não seríamos seres humanos moralmente responsáveis, mas mais como robôs humanoides computadorizados. E eu não conheço qualquer ser humano que preferiria ser um robô.

Para ser um ser genuinamente moral, você precisa ser capaz de entender a diferença entre o bem e o mal, e, em seguida, ser capaz de escolher livremente entre fazer o bem ou fazer o mal. Um computador pode ter uma enorme quantidade de “conhecimento” armazenado nele, mas não possui nenhum entendimento daquilo que “conhece”, nem qualquer escolha moral. Um computador só pode optar por fazer o que ele é programado para fazer. Se fizer a escolha errada ou falhar, ele não pode ser culpado por isso. Ele não tem nenhuma responsabilidade por isso. Ele não sente nenhuma culpa. Ele não entende o que é culpa ou como é se sentir culpado. Ele não pode nem mesmo dizer a você como é ser um computador, muito menos um computador culpado (ou um computador feliz). Os seres humanos, como todos podem observar, não são programados, nesse sentido, por seu Criador. Eles têm a habilidade de escolher e geralmente se orgulham disso. Quando um homem escolhe, por exemplo, enfrentar o perigo em vez de fugir covardemente, ele gosta

de ser considerado como sendo o responsável pela escolha e ser elogiado por isso. A maioria das pessoas acharia um insulto ser tratada como um bebê, como um imbecil ou como uma máquina que não é responsável por suas ações. É só quando fazemos algo muito errado que somos tentados a negar a responsabilidade e dizer: “Não pude fazer nada”.

Deus, então, certamente poderia ter-nos feito como robôs; mas, nesse caso, novamente, seríamos incapazes de dar e de receber livremente o amor maduro e verdadeiro. Se você estivesse sentado em seu quarto e um robô entrasse, lançasse seus braços em volta de seu pescoço e dissesse “Eu te amo”, você iria rir do absurdo disso ou até repeli-lo em aversão, ou ambos. Em primeiro lugar, um robô não tem nenhum conceito de amor; e, mesmo se tivesse, ele não seria livre para decidir por si só amá-lo ou não amá-lo: ele só poderia fazer aquilo que havia sido programado por outra pessoa para fazer. Ele não tem nenhuma personalidade independente.

Aqui, então, está a glória de ser humano. Deus criou o homem como um ser moral, capaz de perceber a beleza da santidade de seu Criador e o esplendor moral de seu caráter. Deus também o dotou com o livre-arbítrio e a habilidade de amar, para que ele possa livremente escolher amar, confiar, adorar e obedecer a seu Criador, e desfrutar de uma verdadeira comunhão com Deus, aqui na Terra e, eventualmente, no céu (João 4:22-24).

Mas, naturalmente, a escolha que Deus deu ao homem não foi, e não poderia ser, uma escolha entre duas alternativas igualmente boas. Deus é a totalidade do bem, e não pode haver nenhum bem permanente

sem ele. Dizer não a Deus, a fonte da vida, é, por definição, dizer sim ao desastre e à morte. Não há, e não pode haver, dois paraísos, um com o Criador e outro sem ele. Desde o início, portanto, Deus advertiu o homem das consequências fatais que inevitavelmente se seguiriam se o homem escolhesse duvidar de Deus e desobedecer a ele, e agir independentemente. A Bíblia diz, no entanto, que o primeiro homem, Adão, fez exatamente isso: ele decidiu desobedecer a Deus, agir independentemente, tomar o que ele pensou que seria um caminho melhor (Gênesis 2, 3; Romanos 5:12). E todos nós, em maior ou em menor proporção, fizemos a mesma coisa (Isaías 53:6; Romanos 3:23), com os maus resultados que vemos em todos os lugares ao nosso redor, e dentro de nós, hoje. Assim, segundo a Bíblia, o mal é o mal porque é rebelião contra Deus. Mas de quem é a culpa?

Porém, mais uma vez, alguém objeta: “Deus não deveria ser onisciente e capaz de prever todas as possíveis eventualidades?”

Sim, é claro.

“Então, ele não previu que, se ele desse livre-arbítrio ao homem, o homem abusaria dele, escolheria o mal e traria desastre a si mesmo e ao mundo todo?”

Sim, Deus previu isso.

“Então, em primeiro lugar, como Deus poderia justificar a decisão de prosseguir e dar ao homem livre-arbítrio?”

## A REDE DE SEGURANÇA DE DEUS

Mesmo antes de criar a humanidade, ele havia decidido providenciar uma rede de segurança disponível

a todos, para que, apesar de sua rebeldia, de sua obstinação, de seu pecado e de sua maldade, nenhum deles necessitasse perecer permanentemente. Ele, na verdade, tomaria a ocasião do pecado do homem para demonstrar, não meramente em palavras, mas em ações, que, com um coração de Criador, ele amava todas as suas criaturas, embora ainda fossem pecadoras. Ele explica desta forma na Bíblia:

*“Difícilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”* (Romanos 5:7-8).

Um caminho devia ser feito para que o homem, quando descobrisse os resultados ruinosos do pecado, se arrependesse, retornasse para Deus e fosse perdoado, reconciliado e restaurado à comunhão com ele. O próprio Deus, por meio de seu Filho, Jesus Cristo, pagaria a pena do pecado do homem pelo e em nome do homem; e o custo de todas as reparações feitas necessárias pelo dano causado pelo pecado do homem, cujos próprios recursos nunca pagariam, seria arcado por Deus. E, além disso, também seria dada a garantia de que, quando o dia final do julgamento viesse e Deus se levantasse para punir o impenitente e pôr um fim no mal para sempre, então aqueles que se arrependeram e colocaram sua fé em Deus e em seu Filho, Jesus Cristo, não seriam condenados, mas desfrutariam da vida eterna com Deus (João 5:24). Ainda, além disso, uma vez reconciliado com Deus, o homem seria introduzido, mesmo aqui na Terra, no majestoso propósito que Deus originalmente tinha em mente, quando criou o universo.

Sobre esse propósito, teremos mais a dizer em breve; mas, no momento, pausemos para nos concentrarmos na peça central da atividade de salvação de Deus para a humanidade na história — o sofrimento, a dor e a morte do próprio Cristo na cruz. Se ele é realmente Deus, como o Novo Testamento afirma, então Deus não se manteve distante do sofrimento humano, mas tornou a si próprio parte deste. E é exatamente esse fato da proximidade de Deus que pode começar a contornar as lágrimas e a angústia, e trazer à pessoa que sofre uma esperança real, não alguma solução simplista para sua dor, mas a possibilidade de, apesar da dor, chegar a ter a confiança de que Cristo, o Filho de Deus, entende seu sofrimento e que pode confiar nele para o futuro.

Antes de deixarmos o tema do sofrimento e da morte de Cristo, devemos esclarecer as condições vinculadas à oferta de reconciliação de Deus por meio daquela morte. Todo o pacote da salvação é um presente; ele não precisa ser ganho ou merecido de nenhuma forma. Mas as condições para recebê-lo são as seguintes.

**Primeiro, arrependimento perante Deus** (Atos 20:21). *“Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele; e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.”* (Isaías 55:7)

**Segundo, fé no Senhor Jesus Cristo** (Atos 20:21). *“Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida.”* (João 5:24)

Mas, com isso, estamos de volta à questão da livre escolha do homem. Deus não forçará ninguém a crer. Ele não removerá o livre-arbítrio do homem, nem

mesmo a fim de salvá-lo, pois, se o fizesse, o produto final não seria um ser humano salvo e glorificado, mas um robô.

Por outro lado, com todo o seu coração, Deus suplica aos homens e às mulheres que se reconciliem. De sua parte, não há nenhuma relutância em salvar (1 Timóteo 2:3-6).

*“Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões... De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.” (2 Coríntios 5:19-21)*

Se, apesar disso, o homem usar seu livre-arbítrio, não apenas para se afastar de Deus, em primeiro lugar, mas para, também, rejeitar o perdão e o amor redentor de Deus, como Deus pode ser culpado pelo desastre resultante?

Mas, agora, precisamos voltar à outra fonte de sofrimento, a saber, aos desastres naturais, e ao que chamamos de o problema da dor.

#### NOTA DE FIM

1. Os cétricos, muitas vezes, ridicularizam tais declarações bíblicas; e mesmo eles irão, então, mudar de atitude e apontar para a evidência de que, em uma época na história, quase toda a vida neste planeta estava, de fato, extinta.



6

O

## Problema da Dor

**N**ão há necessidade de listar aqui, mais uma vez, os muitos desastres naturais aos quais nosso planeta Terra está sujeito de tempos em tempos. Também não podemos ignorar o efeito destrutivo que eles têm sobre a vida e a propriedade humana. Pense nos estragos causados pelos terremotos no Japão e na Turquia, ou pelas enchentes em Bangladesh e na Europa Oriental e pela fome na Etiópia nos últimos anos.

No entanto, não devemos ignorar o fato de que, quanto mais a ciência descobre sobre o nosso planeta, mais incrivelmente notável ele parece ser.

### NOSSO PLANETA INCRIVELMENTE NOTÁVEL

Antes de qualquer coisa, ele sustenta a vida! E não simplesmente a vida, mas a vida inteligente, mentes que podem girar em torno do universo e começar a entender como ele funciona e perguntar como tudo começou e qual é o objetivo final de sua existência. Por

que ele existe? Quanto tempo ele irá durar? Quando ele irá acabar? — e, naturalmente, por que ele sofre o que chamamos de desastres naturais?

O eminente físico e matemático, o Professor Paul Davies, parece não acreditar em Deus como descrito na Bíblia. Contudo, a existência de mentes inteligentes em nosso planeta moveu-o a escrever o seguinte:

“Eu não posso acreditar que nossa existência neste universo é um mero equívoco do destino, um acidente da história, um incidente insignificante no grande drama cósmico. O nosso envolvimento é muito íntimo. A espécie *Homo Sapiens* pode não contar para nada, porém a existência da mente em algum organismo em algum planeta do universo é, certamente, um fato de fundamental importância. Através de seres conscientes, o universo gerou autoconsciência. Isso não pode ser um detalhe trivial, ou um inferior subproduto de forças irracionais e despropositadas. Nós estamos realmente destinados a estar aqui.”<sup>1</sup>

Não é como se planetas capazes de sustentar formas avançadas de vida fossem algo comum no universo. O falecido Professor Carl Sagan acreditava, fervorosamente, na possibilidade da existência de seres inteligentes em outros planetas do universo. No entanto, ele mesmo estimou que, teoricamente, apenas 0,001% de todas as estrelas poderia ter um planeta capaz de sustentar vida avançada (e isso, agora, parece ter sido uma estimativa excessivamente grande). Depois de passar uma vida inteira pesquisando e gastando milhões de dólares tentando encontrar evidências da existência de tais seres inteligentes, ele não encontrou

nenhuma.<sup>2</sup>

É verdade, nenhum dos outros planetas em nosso sistema solar é capaz de sustentar formas avançadas de vida. E, quando se considera a longa lista (que continua crescendo) das condições que agora nós sabemos que têm de haver, e são cumpridas pelo nosso planeta a fim de sustentar a vida, a evidência de que o nosso planeta foi cuidadosamente projetado e construído com essa finalidade torna-se impressionante.<sup>3</sup> A partir disso, também, parece que - citando a frase de Paul Davies, "estamos realmente destinados a estar aqui".

E há também a fantástica complexidade da maquinaria bioquímica em todas as células do corpo humano. No livro *The Concept of a Creator*, o astrônomo de Cambridge, Fred Hoyle, e o matemático Chandra Wickramasinghe, escrevendo sobre as enzimas básicas necessárias para a vida, observam:

"Um cálculo simples mostra que a possibilidade de obter o total necessário de 2000 enzimas montando, aleatoriamente, cadeias de aminoácidos é excessivamente mínima. A chance é...  $p$  contra 1, sendo  $p$  um enorme número superastronômico igual a  $10^{40,000}$  (1 seguido por 40.000 zeros)... Se todas as outras condições relevantes para a vida também são levadas em conta no nosso cálculo, a situação... torna-se ainda pior. As probabilidades de um em  $10^{40,000}$  são horrendamente suficientes, mas isso teria de ser elevado para um grau muito maior. Tal número excede o número total de partículas fundamentais por todo o universo observado, por muitos, muitos graus de magnitude. Estas são as chances de vida ser produzida de maneira puramente mecânica..."

Assim, mais uma vez, evidências esmagadoras apontam para o fato de que a nossa existência como seres humanos no planeta Terra não é o resultado de forças irracionais. A ocorrência de ocasionais desastres naturais não pode, portanto, apagar essa massiva evidência que tanto o nosso planeta, quanto nós mesmos tenhamos sido deliberadamente criados. E isso levanta a questão: quem é o Criador?

A Bíblia, é claro, diz que é Deus; mas isso, imediatamente, nos traz de volta ao problema da dor: Como podemos acreditar que um mundo em que há tantos desastres naturais foi criado por um Deus Todo-bon-doso, onipotente e onisciente, um Deus pessoal?

#### A ATITUDE DA PRÓPRIA HUMANIDADE À DOR

Começemos, então, por pensar sobre a atitude que homens e mulheres, em geral, tomam em relação à dor. Isso não vai responder a todas as nossas perguntas; mas, irá, pelo menos, ajudar-nos a ver o nosso problema em devidas proporções.

Nós podemos falar rapidamente sobre o óbvio ponto que nós não consideramos todas as dores ruins. Algumas dores são preventivas e, portanto, benéficas. Passe o seu dedo acidentalmente sobre a lâmina de uma faca afiada, e a dor do corte irá fazê-lo, involuntariamente, retirar o seu dedo evitando, assim, uma lesão maior.

O medo da dor pode ser preventivo. O medo de nos queimarmos nos impede de colocarmos nossas mãos no fogo. O medo de contrair AIDS poderia até mesmo impedir que algumas pessoas cometessem imoralidade. Portanto, esse medo é benéfico.

Dor e sofrimento evocam, constantemente, simpatia, compaixão, preocupação e dedicação abnegada por parte de enfermeiros, médicos, assistentes sociais e outros, criando nessas pessoas caridosas um caráter nobre que a mera busca de um prazer egoísta e uma determinação para evitar a dor e o sacrifício a todo o custo nunca iriam produzir. Isso também é bom; e todos nós admiramos essas pessoas (embora, curiosamente, o público lhes pague uma miséria, enquanto pagam uma fortuna para as estrelas do rock).

Mas vamos considerar a atitude que muitas pessoas tomam em relação aos riscos de ferimentos graves, à dor e até mesmo à morte. Nenhuma pessoa normal está preparada para sofrer dor ou morrer sem razão aparente. Porém, milhares de pessoas normais estão dispostas a correr o risco de sofrer uma lesão bastante grave, e, às vezes, até mesmo morrer, simplesmente por praticar esportes, como rúgbi, corridas de Fórmula-1, asa-delta, espeleologia e montanhismo. Bailarinas sofrem dor em seus pés; e a dor que os ginastas e os atletas suportam, voluntariamente, ao se forçarem através da barreira da dor, durante seus treinos, é notória. Mas o espírito humano os impele a atingir o domínio de seus corpos, e, para atingir a perfeição, a beleza e a graciosidade dos movimentos, eles acham que a dor envolvida vale a pena.

Mas, novamente, vamos passar para temas ainda mais graves. Nenhuma nação é obrigada, apenas por uma questão de pura sobrevivência, a envolver-se na exploração do espaço. No entanto, as nações se envolvem nisso - nenhuma é mais famosa do que a Rússia - em plena consciência dos colossais riscos; e as pessoas ainda se voluntariam para serem treinadas

como astronautas e irem a missões espaciais, apesar de estarem plenamente conscientes de que outros já morreram em missões semelhantes.

As forças fundamentais da natureza — fogo, vento, ondas, eletricidade, gravidade, energia atômica — são todas muito mais poderosas do que o homem; e, sendo impessoais e irracionais, elas vão destruí-lo sem remorso se ele as maltratar. A eletricidade esquentará o seu banho, ou irá, se você cometer um erro, eletrocutá-lo. Ela não conhece o perdão. E, apesar disso, o homem, feito à imagem de Deus (queira ele reconhecer isso ou não) e feito para ter domínio sobre as obras feitas pelas mãos de Deus (Gênesis 1:26-28; Salmo 8:6), sabe em seu espírito que ele, com sua mente e com sua inteligência, é infinitamente mais importante do que as forças fundamentais da natureza; e, desde o início do tempo, ele estabeleceu o processo de descobrir como controlar essas forças e fazê-las servir aos seus propósitos. O fogo foi controlado cedo. Com a invenção dos navios e velas, o vento e as ondas que, sem os navios e velas, afogariam um homem, agora serviam para levá-lo em suas viagens de exploração e de descoberta. Hoje, até mesmo a gravidade da Terra é aproveitada e usada para acelerar uma sonda espacial para a Terra, e, depois, para arremessá-la ao espaço, como um estilingue faz com uma pedra, no seu caminho para algum outro planeta.

#### A ATITUDE DA HUMANIDADE AO CUSTO DO PROGRESSO

Todo esse empreendimento científico de aproveitar as forças fundamentais da natureza tem sido uma magnífica expressão do espírito humano. O processo

envolveu enormes riscos, e a realização foi adquirida à custa de uma dor infinita e de inúmeras vidas. Contudo, no entendimento da maioria das pessoas, os imensos benefícios que teriam sido obtidos para toda a raça humana superaram e justificaram o custo em termos de dor e de morte.

Então, devemos observar outra coisa muito importante. Controlar as forças fundamentais não significa removê-las do seu poder essencial para infligir dor e morte, e ninguém deveria desejar isso. O fogo que tivesse perdido o seu poder de queimar não seria mais útil. A eletricidade que não pudesse reduzi-lo a cinzas já não seria capaz de executar muitas das tarefas que, quando controlada, ela executa. Os feixes de laser podem destruir o tecido humano; se não pudessem, eles não poderiam ser usados em delicadas cirurgias dos olhos como são hoje. Isso significa, é claro, que a utilização de tais forças fundamentais sempre envolve certa quantidade de risco; no entanto, a maioria das pessoas considera que o risco de lesão e morte vale a pena, tendo em conta os benefícios conquistados.

Os aviões podem vencer a força da gravidade. Sua invenção e seu aperfeiçoamento têm custado milhares de vidas; mas nós continuamos a usá-los para viajar, conscientes do risco de que, se os motores falharem, a gravidade irá destruir tanto o avião quanto os passageiros. No entanto, ninguém que eu conheça pensaria em argumentar que Deus deveria ter criado a nossa Terra sem qualquer gravidade, ou com menos gravidade do que ela tem agora, de modo que, quando os motores de um avião falhassem, a gravidade não o faria cair. Se a gravidade da Terra fosse muito mais fraca do que é, o planeta iria perder sua atmosfera, e a vida

seria impossível, para começar.

Então, para resumir o que foi dito até agora. Deixadas sozinhas e sem serem forçadas, as pessoas de todas as idades teriam pensado ser aceitável se arrissem e, até mesmo, se exporem a certa quantidade de sofrimentos graves e à morte no decorrer do desenvolvimento das potencialidades do seu planeta (e, atualmente, também de outros planetas), por causa das grandes vantagens a serem ganhas, correndo os riscos necessariamente envolvidos no progresso. As pessoas geralmente não admiram a atitude que se recusa a procurar progresso, por receio de que isso possa envolver sofrimento e dor.

Isso, contudo, parece indicar que a humanidade não pode, com toda a honestidade, reclamar se o propósito de Deus na criação do nosso planeta e dos seres humanos que nele habitam envolve, inevitavelmente, o sofrimento, não só para o homem, mas também para o próprio Deus, com a intenção de dar ao homem um benefício infinitamente glorioso e eterno.

### O PROPÓSITO DE DEUS EM CRIAR O MUNDO

Segundo a Bíblia, a nossa Terra nunca foi projetada para existir para sempre; um dia ela vai acabar (2 Pedro 3:13-18; 1 João 2:17; Apocalipse 20:11-21:1). O homem, porém, sendo espírito assim como corpo, nunca deixará de existir. A morte física não coloca um fim a ele. Ele continuará a existir em algum lugar e em algum estado, no céu ou no inferno, eternamente.

A Terra, portanto, nunca foi projetada para ser um lar permanente da humanidade. Ela foi feita simplesmente como uma plataforma temporária em direção à

realização de um objetivo muito maior para o homem, que Deus tinha em mente antes mesmo dele ter criado a nossa Terra.

Este propósito envolveu dois estágios:

**Estágio 1.** O homem nasceria neste mundo como uma das criaturas de Deus. Ele seria dotado de corpo, alma e espírito; de inteligência, de capacidade de se comunicar, de senso de moral e de conhecimento de Deus. Mas para nada disso seria necessário que Deus pedisse o prévio consentimento, ou mesmo, a cooperação do homem. O homem iria, eventual e simplesmente tornar-se ciente de que ele tinha nascido e, aos poucos, descobrir que ele tinha essas capacidades.

**Estágio 2.** Mais tarde, teria sido oferecida ao homem a oportunidade de tornar-se, o que até então ele não tinha sido, um filho de Deus. Mas, para isso, o consentimento voluntário e a escolha do homem seriam necessários.

Para entender a progressão entre essas duas etapas, nós precisamos ter cuidado para notar a diferença na terminologia bíblica entre a criatura de Deus de um lado e o filho de Deus do outro lado. A ideia religiosa popular confunde, muitas vezes, essas duas coisas e expõe como se todos os seres humanos fossem filhos de Deus. Isso, porém, não é verdade. Deus certamente ama todos os seres humanos, pois ele é o Criador de todos que são suas criaturas; e, em uma linguagem não técnica, podemos até dizer que ele cuida de todos de uma forma paternal. Em uma linguagem bíblica, no entanto, apesar de todos os seres humanos serem criaturas de Deus, nem todos são filhos de Deus.

A declaração clássica da situação ocorre em João

1:10-13. Vale a pena citá-la na íntegra:

*“O Verbo (isto é, o Filho de Deus) estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”.*

Dessa passagem cinco verdades são muito claras:

**Primeiro, um ser humano não é automaticamente um filho de Deus**, como resultado de ter nascido neste mundo. Para ser um filho de Deus, ele tem de se tornar um; e você não pode **se tornar** o que você já é.

**Segundo, a condição para se tornar um filho de Deus** é que se deve receber a Cristo e crer no seu nome: é a todos quantos o receberem que ele dá a autoridade de se tornarem filhos de Deus.

**Terceiro, nem todos os seres humanos se tornam filhos de Deus** pela simples razão de que nem todos recebem a Cristo: *“Veio para o que era seu, e os seus (isto é, etnicamente, em outras palavras, a maioria dos judeus que eram seus contemporâneos) não o receberam”*. E muitos hoje, de todas as nacionalidades, não o recebem.

**Quarto, o processo pelo qual uma pessoa se torna um filho de Deus: o que não é.** Não é o mesmo processo pelo qual somos primeiramente concebidos e, então, nascidos neste mundo através de nossos pais. Também não é uma operação que podemos realizar em nós mesmos por nossa própria força de vontade.

**Quinto, o processo pelo qual uma pessoa se torna**

**um filho de Deus: o que é.** É ser gerado por Deus, que coloca sua própria vida em nós.

Essa última descrição, “gerado por Deus”, aponta claramente a diferença entre criaturas de Deus e filhos de Deus. As criaturas de Deus são *feitas* por ele, os filhos de Deus são *gerados* por ele. Vamos usar uma analogia. Um engenheiro eletrônico não pode obter uma criança pelo mesmo processo que ele usa para obter um computador. Ele faz, ou cria, o computador; mas ele tem de gerar o filho. E, naturalmente, existe uma vasta diferença de categoria entre seu computador e seu filho. O computador pode ser altamente sofisticado e capaz de executar complicadas operações, muito além da capacidade da criança pequena. Mas o computador não possuiria a vida do engenheiro: a criança, sim. E, com aquela vida, a criança iria crescer para desfrutar de um relacionamento com seu pai e da alegria da vida, do amor e do companheirismo de seu pai, dos quais o computador jamais esperaria desfrutar.

Esse, então, foi o magnífico propósito que Deus concebeu em seu coração, antes mesmo de fazer o mundo. Ele desejava filhos e filhas que poderiam compartilhar de sua própria vida e, assim, compreendê-lo, apreciá-lo, e ele a eles, em uma comunhão possível apenas em uma relação pai-filho/filha de uma vida compartilhada. Vamos ouvir isso afirmado em linguagem bíblica:

*“...como (Deus) nos escolheu, nele (Cristo), antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos destinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado” (Efésios 1:4-6).*

Aqui, então, está o verdadeiro progresso que o próprio Deus traçou para a humanidade: de nascido pelo nascimento físico neste mundo temporário, como uma criatura de Deus, a tornar-se um filho de Deus pelo nascimento espiritual enquanto ainda neste mundo, para eventualmente poder viver em adoração a Deus eternamente.<sup>4</sup>

### UM DEUS SOFREDOR

A vastidão deste projeto pode ser vista, em primeiro lugar, pelo fato de que sua realização envolveu a própria Divindade. Aquele a quem os cristãos chamam de Segunda Pessoa da Trindade nem sempre foi humano. O Verbo, como é chamado, nem sempre foi carne. Mas se fez carne, tornou-se humano, para que homens e mulheres redimidos pudessem ser espiritualmente incorporados a ele, como um corpo humano físico e seus membros fazem parte um do outro (ver João 1:1-14; 17:20-26; 1 Coríntios 12:12-14). E, tornando-se verdadeiramente humano, ele sofreu, tal como nós, mas sem pecado; e, por esse sofrimento, foi equipado para se tornar nosso líder espiritual em nosso caminho para a glória eterna (Hebreus 2:17-18; 4:14-16; 5:7-9; 12:1-3). Deus não é estático ou insensível!

“Mas o que”, diz alguém, “tudo isso tem a ver com o problema da dor e do sofrimento sobre o qual estamos discutindo?”

É assim! Tornar-se filho de Deus depende do sentimento da vontade do homem para receber a Cristo. Por essa razão (além de outras razões que discutimos anteriormente), o homem teve de ser criado, o que chamamos de primeiro estágio, com um livre-arbítrio genuíno. Contudo, como já observamos, Deus,

em sua onisciência, previu que o homem, desde o começo, usaria seu livre-arbítrio para definir sua própria vontade contra a vontade de Deus, para desobedecer a Deus e para liderar a si mesmo e a toda a raça humana numa trajetória descendente, para longe dele. Deus também previu que a única maneira de resgatar o homem, trazê-lo de volta e tornar possível prosseguir com o estágio 2 do projeto, era o Filho de Deus, não só tornar-se humano, mas oferecer-se como Representante, Redentor e Salvador do homem, suportar o preço, o sofrimento, a dor e a pena enormes do pecado humano e, assim, como o Cordeiro de Deus, tirar o pecado do mundo. Deus previu isso. E, para seu próprio bem e pelo bem do homem, Deus estava disposto a passar pelo sofrimento envolvido na realização do projeto em que estava definido o coração de Deus. O Cordeiro já era conhecido antes de o projeto ter início, antes mesmo da fundação do mundo (1 Pedro 1:18-21).

Duas observações fluem disso:

**Primeiro**, quão grandes devem ser o benefício e a glória para Deus e para a humanidade redimida, se o próprio Deus pensou que valia a pena a Divindade estar envolvida na Encarnação e, em seguida, no sofrimento da cruz, a fim de alcançar isso.

**Segundo**, respostas intelectuais ao problema da dor são necessárias e úteis. Mas a única coisa que acalma o coração dos crentes e lhes dá coragem para enfrentar qualquer sofrimento que Deus possa permitir-lhes encontrar é o fato de que Deus não permaneceu indiferente. Ele não começou com a intenção de alcançar seu objetivo, permitindo-lhes sofrer sem que ele próprio nada sofresse. Precisamente porque o próprio Filho de Deus sofreu, sendo tentado, ele é agora capaz de aju-

dar os crentes quando eles, por sua vez, são tentados (Hebreus 2:18). E como Deus deu seu Filho para morrer por eles, os crentes são ensinados, pelo Espírito de Deus, a saber e sentir nas profundezas do seu ser que:

*“Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas... É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?... Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 8:32-39).*

### AS CONSEQUÊNCIAS DA REBELIÃO DO HOMEM NO ESTÁGIO UM

Agora, nós devemos voltar o nosso pensamento para o que chamamos de *Estágio 1* no projeto de Deus para a humanidade, porque, segundo a Bíblia, foi a rebelião do homem nesse estágio que resultou em grande parte do sofrimento do mundo desde então.

Dissemos que o *Estágio 1* foi apenas o primeiro degrau para o cumprimento do grande propósito de Deus. Mas isso não significa que o *Estágio 1* não tivesse nenhum valor ou nenhum significado em si. Pelo contrário, a posição e o papel dados por Deus ao homem

em relação ao planeta Terra foram, e ainda são, nobres e magníficos ao extremo. O homem deveria ser o vice-rei de Deus, feito à imagem dele, colocado sobre a Terra e todo o seu conteúdo como administrador chefe, para desenvolver o planeta e todas as suas potencialidades. Essa era uma tarefa maravilhosamente desafiadora, emocionante e responsável, calculada para desenvolver não apenas suas habilidades técnicas, porém, seu caráter moral. Apesar da rebelião do homem e do distanciamento de Deus, ainda é. Porém, feita em constante e ininterrupta comunhão com o Criador e de acordo com a suas diretivas morais, ela poderia ter transformado o mundo inteiro em um paraíso.

O relato bíblico conta que, para dar início ao homem, Deus plantou um jardim em um determinado local na Terra e colocou seu vice-rei recém-formado lá. Isso mostra, no entanto, que o resto do planeta não era um jardim. E os termos de referência do homem teriam-no obrigado, bem como seus descendentes, eventualmente, a sair e a desenvolver as potencialidades de todo o planeta sobre o qual Deus lhes tinha dado domínio.

Essa tarefa não seria completamente sem perigo e sem dor, como vemos o fato de que Deus, em sua presciência, havia fornecido ao corpo do homem vários mecanismos de defesa e de reparação: um sistema imunológico, por exemplo, para resistir à doença, e um sistema de coagulação do sangue para reparar as feridas e evitar uma perda fatal de sangue. Toda a criação de Deus foi boa, como o próprio Deus pronunciou (Gênesis 1:31); mas não era necessariamente tudo seguro, a menos que tratado adequadamente.

Mas o homem se rebelou. Não era que ele desceu

imediatamente ao vício. Era algo fundamentalmente muito mais grave do que isso. Ele foi tentado a pensar que a vida poderia ser desenvolvida de maneira mais inteligente, mais bonita e mais satisfatória se ele se atrevesse a ser independente de Deus. Ele decidiu, como muitos ainda fazem, que o aviso de Deus de que certas atitudes e certos comportamentos levariam à morte, era um absurdo restritivo. Ele deliberadamente pisou fora da dependência moral e espiritual de Deus.

Quando o homem fez isso, ele não foi destituído do seu papel de gestor do planeta Terra. Mas duas grandes mudanças ocorreram.

**Em primeiro lugar, a criação foi submetida à frustração por Deus (Romanos 8:20).**

Duas metáforas são usadas para descrever isso. Em primeiro lugar, a criação é semelhante a uma mulher no parto: sentindo as dores de parto a fim de obter o esplêndido resultado que, sob os cuidados do homem, ela foi projetada a produzir; mas nunca consegue, até então, apesar de sua dor e de seus esforços, produzi-lo totalmente; porque, em segundo lugar, a criação, como um escravo, está sujeita agora à escravidão da corrupção (Romanos 8:20-22). A Bíblia se apressa para explicar que essa condição, imposta sobre a natureza, não vai durar para sempre. Um dia, a criação será posta em liberdade, realizará seu pleno potencial e atingirá seu objetivo glorioso.

Mas, quando o homem se agarrou tolamente à independência de Deus, foi para o bem do homem que ele fosse informado da loucura de sua atitude. O mundo, afinal, não era dele. Ele não o inventou. Ele pertencia ao seu Criador. Se as frustrações na criação o frustrassem e causassem-lhe dor e tristeza a ponto de

ele se arrepender e voltar-se para Deus, isso seria bom e saudável.

As dores no peito, em nosso corpo, que nos avisam de que o nosso coração está doente e precisa de atenção, são boas! E, se as frustrações e os gemidos constantes da criação lembram o mundo que a humanidade está em rebelião contra Deus e precisa se reconciliar com ele, isso também é bom.

**Segundo, o próprio homem foi submetido à morte** (Gênesis 2:17; 3:17-24).

A desobediência ao Criador e o afastamento da fonte da vida inevitavelmente mudaram o próprio homem, sua atitude diante de Deus e sua atitude para com a criação. Isso também trouxe declínio, envelhecimento e eventual morte em todos os níveis. Linda como a criação continuou a ser, gloriosa como a vida física, emocional, estética, intelectual e prática do homem ainda é, o homem teve de aprender pela experiência que não viverá só de pão, e sim de toda palavra que procede da boca de Deus (Deuteronômio 8:3; Mateus 4:1-4). Ter todos os prazeres de um paraíso indolor sem comunhão pessoal com Deus, mesmo se fosse possível, seria um desastre espiritual.

Mas, naturalmente, não é possível. A alienação do homem ao Criador e sua desobediência aos comandos morais de seu Criador perverteram o homem como um administrador e um procurador dos recursos e das forças elementares da Terra. O resultado é que, muitas vezes (embora, naturalmente, nem sempre), não é o perigo inerente das forças elementares da Terra, nem os desastres naturais por si sós, que trazem dor e morte para a maioria, mas o uso perverso pelo homem dessas forças e desses recursos. Veja alguns exemplos.

No século XX, o homem descobriu como dividir o átomo e, em seguida, como induzir a fusão nuclear. Essa foi uma brilhante conquista do intelecto científico humano. Mas o primeiro uso que o homem fez dessa descoberta foi para destruir centenas de milhares de seus semelhantes. Depois, por várias décadas, o Oriente e o Ocidente fabricaram milhares de ogivas atômicas a um custo enorme, ruinoso para suas economias, e ameaçavam um ao outro com elas. Se eles as tivessem usado, isso poderia ter levado a um vasto desastre natural em todo o mundo, se não à devastação total do planeta. Agora, não utilizadas e ociosas, essas ogivas decadentes e estações nucleares provaram ser fontes reais e potenciais de terríveis malformações humanas, de doenças e de morte.

Nas décadas recentes, a fome matou milhares de etíopes. No Ocidente, no entanto, a aplicação de métodos científicos avançados na agricultura resultou na produção de grandes montanhas de cereais, carne e manteiga, que não eram necessários e eram armazenados sem uso em depósitos especialmente construídos. Mas, quando as pessoas estavam morrendo como moscas aos milhares na Etiópia, os países europeus por muito tempo se recusaram a dar qualquer dessas vastas quantidades de alimentos excedentes para salvar os etíopes da morte por fome, por medo de perturbar suas economias!

As principais nações gastam prodigiosas somas de dinheiro com armamentos na esperança de que a ameaça de usá-los poderia deter a agressão. Se as nações pudessem confiar umas nas outras, elas poderiam investir esse dinheiro para livrar a Terra de sua pobreza, de pragas e de desertos. Mas elas não podem e não

ousam confiar umas nas outras. Então, a pobreza, as pragas e os desertos permanecem, enquanto enormes somas de dinheiro, cérebros e esforços humanos continuam a ser empregados na produção de armas cada vez mais sofisticadas.

Os processos industriais de nosso mundo moderno produzem emissões nocivas de substâncias químicas que estão criando um buraco na camada de ozônio e ameaçando produzir um aquecimento global, que, se não controlado, levará a graves desastres naturais em todo o mundo. Apesar disso, mesmo alguns dos países ricos se recusam a comprometer-se a reduzir essas emissões industriais nocivas; o consumismo insaciável de seus cidadãos não lhes permitirá.

Não sabemos se, de fato, é possível ter um planeta como o nosso sem as forças e os processos internos que levam ao deslocamento das placas tectônicas terrestres e a erupções e terremotos ocasionais. O que podemos ver claramente é que este mundo estaria muito mais perto do paraíso que poderia ser se não fosse pela perversão pecaminosa da administração e do desenvolvimento dos recursos e das forças elementares da Terra pelo homem.

### O PROGRAMA DE DEUS PARA A RESTAURAÇÃO DA CRIAÇÃO

Mas há esperança! Esperança real solidamente baseada! A Bíblia afirma que a sujeição da criação à frustração é apenas temporária: um dia, *“a própria criação será redimida do cativo da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus”* (Romanos 8:21).

Na verdade, a restauração já começou, porque,

quando o homem, em sua cegueira, assassinou Jesus Cristo, o Autor da Vida, o Filho do próprio Deus, Deus ressuscitou Jesus Cristo fisicamente dentre os mortos. Essa ressurreição carrega implicações para toda a criação.

O Cristo ressuscitado, diz a Bíblia, é as primícias dos que dormem (isto é, dos que morreram). A colheita será constituída de todos os redimidos de cada século, desde o início dos tempos (1 Coríntios 15:20-28). A própria criação há de ser liberta do cativeiro da corrupção (Romanos 8:21). Haverá, eventualmente, um novo céu e uma nova terra (2 Pedro 3:13; Apocalipse 21:1). E, quem sabe, quantos outros projetos o Deus de toda inventividade e de poder criativo vai iniciar depois disso?

“Mas por que temos de esperar tantos séculos para essa restauração prometida acontecer?” diz alguém. “A verdadeira razão não é a de que a promessa nunca passou de um pensamento desejoso de pessoas religiosas?”

Bem, essa certamente não é a razão que a própria Bíblia dá para o atraso. Ela diz que a restauração da criação está esperando “a revelação dos filhos de Deus” (Romanos 8:19). Que utilidade teria para Deus restaurar a criação e colocá-la de volta nas mãos do mesmo tipo de seres humanos pecadores e fracos como antes? Em outras palavras, a criação está esperando a conclusão do que anteriormente chamamos de *Estágio 2* do projeto de Deus: a produção de filhos de Deus e, em seguida, o seu desenvolvimento em filhos de Deus totalmente crescidos (Colossenses 1:28; 1 João 3:1-2), aptos a assumirem e executarem a administração dos novos céus e da nova terra como o corpo executivo de

Cristo (Colossenses 1:13-20; Efésios 1:9-10, 19-23).

O primeiro passo neste processo é, como vimos anteriormente, que os seres humanos criados por Deus possam, então, se tornar filhos de Deus. Quando isso acontece, não significa que, daí em diante, eles estarão isentos do sofrimento que aqueles que não são filhos de Deus normalmente experimentam. *“Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo”* (Romanos 8:23), diz a Bíblia. Na verdade, eles podem descobrir que tornarem-se filhos de Deus envolverá sofrer perseguição e até mesmo a morte por amor a Cristo (João 15:18-16:4; 1 João 3:13-16), como tem acontecido tão frequentemente aos cristãos ao longo dos séculos em países totalitários. Um problema adicional para os crentes é a desproporção de sua distribuição.

### SOFRIMENTO DESPROPORCIONAL

Seja o sofrimento que provém do comportamento mau e injusto do homem para com seus semelhantes, ou o sofrimento que vem de acidentes, doenças ou desastres naturais, algumas pessoas sofrem muito mais do que outras. Não é o sofrimento por si só que as esmaga, mas a sensação de que é manifestamente injusto que devam sofrer tanto e outros tão pouco. *“Por que eu?”* dizem.

A Bíblia, é claro, reconhece o problema e também reconhece que se trata de um aspecto do sofrimento que testa a fé ao limite, até mesmo dos crentes em Deus. O autor do Salmo 73, por exemplo, era crente em Deus; mas ele admite (v. 2) que sua fé na justiça de Deus quase entrou em colapso, quando ele observou que

peessoas frequentemente más, inescrupulosas e violentas demais prosperam, tornam-se ricas e têm poucos problemas de saúde. Enquanto isso, em comparação, muitas pessoas boas sofrem enormemente (vs. 3-4). Da mesma forma, o homem cuja história é contada no livro de Jó do Antigo Testamento era um crente em Deus e uma pessoa de caráter exemplar e preocupação social. No entanto, ele sofreu uma extraordinária sucessão de desastres naturais, doenças perniciosas e angústia mental e física excruciantes, para além do que pessoas más normalmente experimentam. Sua fé no amor e na justiça de Deus foi quase completamente destruída, embora, no fim, tenha triunfado.

A Bíblia não chama a atenção para esses problemas sem ter respostas para dar. Mas nós devemos observar dois aspectos. A Bíblia não tenta dar uma resposta completa e final para esses problemas agora. Tal resposta não pode ser dada até que toda a história, com sua complexidade quase infinita, chegue ao fim, e os detalhes do caso de cada pessoa possam ser considerados à luz do contexto total de vida e de seus resultados visíveis e eternos. E, em segundo lugar, enquanto a Bíblia nos dá algumas respostas que satisfazem nossos intelectos, entretanto, concentra-se mais nas respostas que falam ao nosso coração. Com efeito, o objetivo principal da Bíblia neste contexto visa a apoiar nossa fé em Deus e a manter nossa coragem, até que os caminhos de Deus conosco sejam totalmente explicados e vindicados no julgamento final. (Lembra-se do início do capítulo 5 e do que os pais tiveram de fazer para a garota que sofria de problema de coluna?)

Claro, respostas que falam ao coração vão provar-se eficazes com pessoas que já experimentaram o amor

de Deus em Cristo como uma realidade antes de se depararem com sofrimento grave. Elas não terão, necessariamente, nenhuma importância sobre os ateus, cuja incredulidade nunca lhes permitiu qualquer experiência pessoal do amor de Cristo. Mas isso apenas expõe a desolação da posição dos ateus, o que os obriga a aceitar que a distribuição desproporcional do sofrimento é simplesmente mais um efeito irracional de um universo basicamente irracional, amoral e, finalmente, injusto e desesperançoso.

Com os crentes é de outra forma. Quando se trata do sofrimento injusto infligido sobre eles por homens maus, eles se atrevem a confiar na promessa de Deus, garantida por seu caráter e afirmada pela ressurreição de Cristo, de que haverá um juízo final onde todos os erros serão corrigidos. Como o autor do Salmo 73, consideram o fim definitivo dos homens maus e, apesar dos sofrimentos dos crentes e a aparente prosperidade dos ímpios, mesmo agora os crentes não mudariam de lugar com eles por nada (Salmo 73:17-28).

Além disso, os cristãos não ficam surpreendidos, quando se encontram sofrendo muito mais que os cidadãos comuns nas mãos de homens maus — como aconteceu na URSS, nos maus dias, agora felizmente passados, e ainda acontece em muitos outros países. De fato, os cristãos sabem, desde o início, que eles são chamados a seguir o exemplo deixado por Cristo, *“o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente”* (1 Pedro 2:21-23).

Confiante de que, no juízo final, Deus se certificaria de que a justiça fosse feita, Cristo aceitou o sofrimento

dos homens maus. E mais do que isso, ele orou por seus executores e sofreu a penalidade do pecado nas mãos de Deus por eles, para que todos pudessem ser salvos, se quisessem.

Portanto, os cristãos são chamados, por sua vez, a sofrer por amor a Cristo, seu Salvador, ao declarar corajosamente sua fé nele e a sofrer por causa de seus semelhantes, ao apresentar a oferta de perdão e a paz de Deus para um mundo que no coração é hostil a Deus. Mas os cristãos não encontram em tal sofrimento um motivo para duvidarem do amor de Deus ou de sua justiça: eles o aceitam como a confirmação do prévio aviso de Cristo (João 15:18-16:4) e como uma honra (Mateus 5:10-12; Atos 5:40-42; 1 Pedro 4:12-14).

Mas e o outro tipo de sofrimento que vem não de homens maus, mas de causas naturais, acidentes, desastres, doenças, luto e coisas assim? A Bíblia não explica por que alguns crentes sofrem desproporcionalmente muito mais do que outros. O que ela faz é pegar o caso mais extremo, que é o sofrimento de Jó, e apontar como Deus permitiu e usou seu sofrimento para demonstrar que sua fé era genuína, para purificá-la e fortalecê-la e, depois, para ampliá-la. Fé, a Bíblia explica, é como o ouro (1 Pedro 1:6-7). Um pedaço valioso de ouro verdadeiro, no entanto, pode conter impurezas. Um ourives irá, portanto, colocá-lo no calor de seu cadinho para remover as impurezas. Em seguida, o pedaço de ouro ficará mais valioso. Então, a fé deve ser demonstrada como sincera e genuína (2 Timóteo 1:5). Ela também precisa ser purificada, para que possamos amar e confiar em Deus para a glória dele e não apenas por causa dos benefícios que recebemos dele (Jó 1:9). Além disso, a fé pode variar em

quantidade (pequena ou grande, ver Mateus 14:31; 15:28) e em qualidade (fraca ou forte, veja Romanos 4:19-20). E, como os músculos do corpo humano, a fé cresce e se desenvolve por ser exercitada e testada em situações cada vez mais difíceis. Deus não nos explica por que ele dá a alguns de seu povo provas que nos parecem ser desproporcionalmente severas. Somente a eternidade vindoura irá revelar isso, quando os resultados dessas provas forem revelados. Todos os testes de fé, a Bíblia nos assegura (1 Pedro 1:7), leves ou graves, serão descobertos como tendo produzido louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo for revelado em sua segunda vinda. Mas, quanto maior o teste, maior a glória e a honra.

Aqui na Terra, alguém com treinamento de primeiros-socorros faz um trabalho muito valioso. Mas essa pessoa não passa por provas difíceis como um estudante de medicina que quer ser cirurgião. De tantos em tantos meses, pilotos de avião são colocados em um simulador onde passam por todos os tipos imagináveis de situação de emergência de arrepiar os cabelos para testar sua habilidade, até que mesmo homens fortes se desfaçam em lágrimas. Mas ninguém se preocupa em perguntar por que seus testes têm de ser tão difíceis e maiores do que os de um motorista que vai tirar sua carteira de habilitação. De acordo com Cristo, posição e responsabilidade no seu reino vindouro dependerão, em parte, do sofrimento de um discípulo aqui na Terra (Marcos 10:37-39). Quanto maior o sofrimento, maior a posição de responsabilidade.

## A MELHOR ABORDAGEM AO PROBLEMA DO SOFRIMENTO

Nesses últimos dois capítulos, nós gastamos um longo tempo — longo demais, alguns achariam — tentando encarar e pensar nos muitos problemas relacionados com o sofrimento. Mas a melhor abordagem não é tentarmos, por nós mesmos, resolver todos os nossos problemas primeiro e depois chegarmos ao nosso Criador e colocarmos nossa fé nele. Antes, nós deveríamos chegar e colocar nossa fé em nosso Criador primeiro, para, em seguida, deixá-lo nos ajudar a pensar em nossos problemas.

A Bíblia, em uma metáfora útil, nos diz que somos todos como ovelhas que precisam de um pastor. O nosso Criador nos proveu com o Grande e Bom Pastor que deu a sua própria vida pelas ovelhas. Agora, ressuscitado dentre os mortos, ele assegura segurança eterna a todas as suas ovelhas, muito além dos curtos anos de nossa vida na Terra (João 10). Ele sabe como ungir nossas cabeças com óleo, guiar-nos pelo vale da sombra da morte sem medo do mal e, finalmente, trazer-nos para habitar na casa do Senhor eternamente (Salmo 23). Enquanto isso, aninhados perto dele, encontraremos descanso para nosso coração e calmante para nossas dores, mesmo quando temos de esperar pelas respostas finais para os nossos problemas.

## UM CONTRASTE FINAL

Apontamos diversas vezes que o ateísmo não pode oferecer nenhuma esperança. Mas a posição do ateu é pior do que isso. Sua recusa, ou sua incapacidade, de acreditar em Deus não significa que Deus não existe. O ateu acredita que a morte finaliza tudo para o indiví-

duo: que não há nenhuma vida após a morte. Mas sua crença não torna isso realidade. Morte não significa extinção. Após a morte, vem o juízo (Hebreus 9:27-28). Cristo morreu para que todos os que se arrependem e crerem pudessem se salvar e entrar no céu de Deus finalmente. Mas ele não morreu desnecessariamente. Morrer sem se salvar não é o fim do sofrimento: é o início da eterna angústia de ser excluído da presença de Deus para sempre. O suicídio definitivamente não é a melhor resposta ao sofrimento. Para o descrente, a morte é, de acordo com o próprio Cristo, a porta de entrada para a dor eterna (Lucas 16:19-31). Na natureza das coisas, não poderia ser de outra forma.

Por outro lado, para o que confia em Cristo, o sofrimento, de qualquer tipo, nunca é meramente destrutivo: ele é, como já vimos, um dos processos pelos quais Deus desenvolve aqueles que se tornaram seus filhos na maturidade moral e espiritual de filhos maduros de Deus (Hebreus 12:1-13; Tiago 1:2-4; 1 Pedro 1:6-7). Não há nenhuma necessidade de fingir que os crentes gostam do sofrimento; mas eles aprendem a adotar a atitude expressada pelo apóstolo de Cristo, Paulo:

*“Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” (2 Coríntios 4:16-18).*

Além disso, para um filho de Deus, a morte física toma um aspecto diferente. Os crentes não apreciam o processo de morrer, e eles não têm nenhuma neces-

sidade de fingir que o fazem. Mas eles não temem a morte propriamente dita, nem ao que ela leva. Cristo, para eles, rompeu o medo da morte (Hebreus 2:14-15); para eles, apartar-se do corpo é estar presente com o Senhor (2 Coríntios 5:1-8).

O crente, portanto, está na melhor posição para ver quais são os verdadeiros valores da vida e agir de acordo com eles. Existem alguns valores nesta vida que são mais importantes que a própria vida física. Suprema entre eles está a fidelidade à verdade, ao Criador, ao Filho de Deus, ao Espírito Santo e a todas as implicações morais e espirituais que fluem disso. É o homem que acredita não haver nada após a morte física que será tentado a comprometer o que sabe ser verdadeiro em razão do apego à vida.

#### NOTAS DE FIM

1. *The Mind of God*, London: Simon & Schuster, 1992, p. 232.

2. Informações tiradas de Hugh Ross, "Earth, the Place for Life", *The Creator and the Cosmos*, Colorado Springs: Navpress, pp. 131- 134.

3.Ex.: para ter a luz e o calor necessários para a vida, o planeta deve girar em torno de uma estrela (o nosso Sol é uma estrela); mas ele também não deve estar próximo demais da estrela, do contrário, seria quente demais para a vida humana sobreviver; nem longe demais da estrela, ou seria frio demais. Sua velocidade de rotação diária também não deve ser grande demais, do contrário, vastos ventos destrutivos seriam gerados, como em Júpiter; nem devagar demais, senão a temperatura no lado da noite seria fria demais e a do

lado do dia, quente demais. O astrofísico, Hugh Ross (pp.138-145), lista 33 exemplos do tipo sobre a exatidão com que nosso planeta teve de ser projetado com o propósito de abrigar a vida humana.

4.Muito diferente do progresso miserável proposto pela evolução darwiniana: de protozoários, por meio de mudanças estúpidas e sem propósito, à vida fadada ao eventual esquecimento!



# 7

## A Busca pela Satisfação Espiritual

**T**odos nós almejamos satisfação. Somos feitos assim. Apetite físico, gosto estético, juízo moral, amor—todos igualmente clamam por satisfação.

Muitas vezes, nós conseguimos, mas outras não. E, quando não conseguimos, sentimo-nos frustrados, traídos, decepcionados. Não conseguimos nos reconciliar com a ideia de que a vida não foi feita para fazer sentido. A razão não será ridicularizada por tal teoria. Nem nossa imaginação vai consentir em ser perpetuamente desiludida. A ciência revela, em todo lugar, a evidência do desígnio e do propósito racionais. A imaginação pode ver que coisa magnífica a vida poderia ser, se ao menos as pessoas se comportassem racionalmente, e a vida fosse como parece que foi designada para ser.

Então, por que não é?

Por que as pessoas, tantas vezes, se comportam tão irracionalmente? Por que nossos sonhos, expectativas e planos bem projetados são tantas vezes frustrados

pela doença ou pela guerra ou por processos econômicos anônimos ou pela imposição da ideologia dos outros? E por que eu arruíno minha própria chance de felicidade irracionalmente, saciando-me no que eu sei que vai me ferir e machucar aqueles de cujo amor minha felicidade depende? Nossa própria frustração nos leva a buscar uma resposta. Não podemos simplesmente nos rebaixar a ser constantemente insatisfeitos e progressivamente desiludidos. Se não podemos ser satisfeitos, então, pelo menos, procuramos por alguma explicação satisfatória do porquê não podemos; por que é que na vida, aparentemente tão cheia de promessas, tantas vezes algo dá errado ou falha? Nós queremos saber se há alguma forma de consertar o que quer que esteja errado; se existe algum caminho para a eventual satisfação.

Cedo ou tarde, nos voltaremos à religião. Nós sabemos, é claro, ou pelo menos achamos que sabemos, o que ela irá dizer.

Ela irá dizer que nosso problema básico é o pecado.

Isso é perfeitamente verdade; mas, por si só, não é provável que nos ajude muito. É como dizer a um homem com câncer que seu problema básico é a doença.

Nós todos sabemos que somos pecadores. A questão é, como vamos mudar, erradicar o problema, parar o apodrecimento moral que ameaça comer toda nossa felicidade e frustrar qualquer sentimento de satisfação?

Novamente, nós sabemos, ou achamos que sabemos, o que a religião irá receitar: esforçar-se mais para ser bom; ser mais gentil, menos egoísta e mais puro; orar, negar a si mesmo e disciplinar a si mesmo. Todos

esses são fortes remédios. Mas, se a vida é digna de se viver, merece ser levada a sério.

Então, fazemos uma tentativa de levar a religião a sério e participar rigorosamente, talvez mais que rigorosamente, dos nossos deveres religiosos.

Por incrível que pareça, isso não nos satisfaz também. E o motivo provavelmente é que nós temos feito simplesmente o que supomos que a religião estava nos mandando fazer, sem parar o tempo suficiente para ouvir Jesus Cristo pessoalmente, para escutar exatamente o que ele está dizendo. Ele certamente pode nos dar satisfação, profunda e permanente satisfação, um poço de água viva dentro de nós, como ele uma vez descreveu (João 4:13-14), de forma que, quando a recebemos uma vez, nunca nos faltará satisfação novamente. Mas, para conseguir essa satisfação, primeiro, devemos aceitar seu diagnóstico de nosso problema e, depois, seu tratamento. Ambos são mais radicais do que podemos ter imaginado.

### A SATISFAÇÃO DE ESTAR DE BEM COM DEUS

A insatisfação básica que subjaz todas as outras insatisfações que são possíveis ao coração humano sentir surgem disso: nossos pecados são uma ofensa ao Deus Todo-Poderoso, nosso Criador. Eles constantemente insultam suas leis e provocam a sua ira (Romanos 1:18; 2:1-3; 3:19). Ele, portanto, retém de nós aquele sentimento de paz com Deus, sem o qual nenhuma criatura de Deus consegue se sentir verdadeiramente tranquila ou verdadeiramente satisfeita.

Segue que o nosso primeiro passo em direção à satisfação deve ser reconciliar-nos com Deus. As exigên-

cias da santa lei de Deus devem ser satisfeitas completamente. Ele deve estar completamente satisfeito de que a justiça tenha sido realizada, de que nunca mais ele vai precisar dirigir sua santa ira aos homens.

Da nossa parte, nosso sentimento de aceitação por Deus deve ser total, sem reservas ou incertezas. Do contrário, a reconciliação não é verdadeira.

Para ilustrar a questão, a Bíblia conta a história (2 Samuel 13:23-18:33) de uma reconciliação no nível humano que não foi completa e sem reservas e foi, portanto, insatisfatória.

O filho do rei Davi, Absalão, assassinou seu meio-irmão, Amnom, e, com medo da justiça do rei, fugiu do país. Cerca de três anos depois, amigos de Davi o convenceram a esquecer o crime e deixar Absalão retornar do exílio. O rei, no entanto, não ficou muito feliz com a justiça da questão; então tentou um acordo. Absalão poderia retornar, mas a ele não seria permitido acesso à presença do rei; a ele não era permitido ver a face do rei (2 Samuel 14:24,28). Mas meia reconciliação como essa não é, de forma alguma, verdadeira reconciliação; e, nessa ocasião, isso só levou a mais problemas, alienação e eventual desastre.

Pelo contrário, felizmente, quando Cristo nos reconcilia com Deus, Deus nos aceita e nos recebe sem reservas. Nós podemos ir à presença de Deus a qualquer hora (Romanos 5:2; Efésios 2:18). Não precisamos esperar até que morramos para descobrir se seremos admitidos à sua presença ou não. Podemos ir de uma vez, seguros de que a ira de Deus contra nós é uma coisa do passado (Hebreus 10:19-22), de que não existe condenação ou rejeição a ser temida no futuro (Hebreus 10:14-18; 1 João 4:17-19). O amor de Deus expul-

sa o medo; a presença de Deus se torna nosso lar. Mas as condições são rígidas.

Devem existir, da nossa parte, arrependimento radical para com Deus e fé somente em Cristo e no que fez por nós e em nada e ninguém mais (Romanos 5:9; 8:1; João 5:24). O verdadeiro arrependimento não é só admitir que coisas, como orgulho, mentira e impureza, são erradas e pecaminosas, nem simplesmente determinar-se a abandoná-las. O verdadeiro arrependimento para com Deus significa enfrentar nossa verdadeira posição legal na luz do veredito que Deus passa para nós em sua Palavra. E é nesse ponto que é tão fácil para nós ser menos que radicais em nosso pensamento, e, portanto, ser menos que realistas em nossas atitudes, e, por fim, tentar recursos que não podem trazer satisfação, porque não satisfazem nem Deus nem nós.

Nós sabemos que somos pecadores e, como tais, inaceitáveis a Deus. E então, com intenção muito honesta, nós fazemos o que nos parece óbvio fazer: nós começamos a melhorar a nós mesmos na esperança de eventualmente ganhar a aceitação de Deus (Atos 20:21). Na verdade, estamos sendo seriamente irrealistas em dois aspectos.

Primeiramente, os pecados que já cometemos são, por si sós, suficientes para merecermos morte e rejeição de Deus. Nenhuma quantidade de melhora no futuro pode apagar a culpa do passado, ou compensá-la, ou abonar sua merecida pena.

Em segundo lugar, mesmo que nós começássemos a melhorar prontamente, a própria experiência, sem falar na Palavra de Deus, nos adverte que no fim da vida não teremos melhorado o suficiente para ser aceitos por Deus com base na nossa conquista. O veredito

de Deus sobre nós, então, ainda vai ter de ser o que é agora: nós todos pecamos no passado e, no presente, ainda ficamos aquém do padrão de Deus (Romanos 3:23). E, sendo assim, Deus, em todo seu amor, não vai fingir que não é assim; não vai ficar satisfeito com nossos esforços inadequados. Como a versão de Ronald Knox tão claramente coloca: *"A observância da lei não pode conquistar a aceitação para nenhuma criatura humana"* (Gálatas 2:16).

Isso é bem sombrio; mas é melhor encararmos a realidade. A satisfação dificilmente pode vir de fechar os olhos para o problema. Nossa situação legal frente à justiça de Deus é séria ao extremo. É por isso que, a fim de efetuar uma reconciliação satisfatória, a justiça de Deus teve de tomar a medida extrema de entregar seu próprio Filho para sofrer as sanções da sua lei por nossa causa. Não havia outra forma. Se a aceitação de Deus fosse alcançável com base na nossa melhoria, Cristo nunca teria morrido, nunca teria precisado morrer. Mas ela não foi obtida dessa forma, e Jesus Cristo teve de morrer (Gálatas 2:20-21; 3:21-22; Romanos 4:25; 8:32).

Mas da sua morte vem a maior e mais gloriosa notícia que o homem já ouviu. O que nós nunca poderíamos ter feito, a morte de Cristo conquistou por nós. Ele satisfaz a justiça de Deus, ele pagou a pena do pecado (2 Coríntios 5:20-21; Gálatas 3:13-14).

Deus pode agora aceitar, e aceitar com perfeita e inabalada justiça, todos que colocam sua fé em Cristo e vão a Deus unicamente em razão desse sacrifício. A aceitação divina de cada pessoa tal é sem reservas. Na verdade, Deus quase exagera em mostrar quão completa e permanentemente aceita tal pessoa é. Ele

chama a atenção para o fato de que a morte do nosso Senhor foi seguida pela sua ressurreição, ascensão e entrada na presença imediata de Deus. Ele, então, aponta que Jesus foi logo à presença de Deus não só em seu favor, mas como o representante declarado e precursor daqueles que confiam nele. E Deus finalmente declara que todos que Jesus dessa forma representa podem agora considerar-se aceitos por Deus tão total, completa e definitivamente quanto seu próprio Representante (Hebreus 6:17-20; 9:11-14,24- 28; 10:1-18; Efésios 2:1-10).

Nisso reside o segredo da profunda e da permanente satisfação. Saber que ser aceito por Deus dessa forma, completa e eterna, é estar em paz com Deus. E estar em paz com Deus é o único alicerce seguro para a verdadeira e duradoura satisfação.

### A SATISFAÇÃO DE NOS TORNARMOS O QUE FOMOS DESTINADOS A SER

Ser aceito por Deus unicamente por causa do sacrifício e da morte de Jesus soa, para muitas pessoas, quando ouvem isso pela primeira vez, bom demais, ou um tanto fácil demais, astuto demais, para ser verdade.

Soa como se você pudesse continuar pecando, e isso não importasse: você ainda poderia ser aceito por Deus, simplesmente porque Jesus morreu pelos seus pecados, e você disse que acreditava nele. Em outras palavras, soa como uma licença para continuar pecando com impunidade.

Claro, isso não é verdade; embora, interessante-mente, é precisamente o que as pessoas disseram

quando ouviram pela primeira vez os apóstolos pregarem o evangelho (Romanos 3:8,31; 6:1-2,15)— o que mostra que nós devemos estar no caminho certo; e nós sabemos o tipo de coisa que os apóstolos diziam em resposta.

Não é verdade por causa do que está envolvido em “confiar em” Jesus como Salvador.

Confiar em Jesus não significa simplesmente assentir ao fato de que ele morreu por nossos pecados. Significa comprometer-nos sem reservas com ele como Senhor.

E mais.

Significa receber Jesus como Pessoa viva (João 1:12); significa tornar-se unido com ele pelo seu Espírito (Romanos 6:5); tornar-se “um nele” (João 17:20-21; Romanos 8:9-11); ser unido a ele numa parceria espiritual e viva (1 Coríntios 6:15-17).

A analogia mais próxima a isso nas relações normais é quando marido e mulher se tornam “uma só carne”, não mais indivíduos completamente separados e independentes, mas uma união viva (Romanos 7:1-4). E nessa união com Cristo reside a chave da maneira de Deus nos tornar o que fomos destinados a ser.

Não podem existir céu, satisfação final, sem nos tornarmos o que Deus, nosso Criador, pretendeu que fôssemos e nos comportarmos de acordo. Isso, é claro, nós instintivamente percebemos. Mas a maneira de Deus nos tornar o que fomos destinados a ser é radicalmente diferente do que nós normalmente pensamos.

Nós naturalmente pensamos em termos de melhorar a nós mesmos. Gostamos de pensar em nós como basicamente sãos, com uma ou duas manchinhas mo-

rais aqui, talvez uma mancha de completa maldade ali, estragando a maçã de outra forma perfeita. Nossa esperança e nossa expectativa são que, pela aplicação de alguma disciplina religiosa, talvez até mesmo de uma cirurgia espiritual moderadamente rigorosa, eventualmente nos tornemos tão melhorados a ponto de nos qualificarmos a desfrutar e a fazer nossa contribuição ao céu onde Deus habita.

Mas Deus não pensa dessa forma. O Novo Testamento nunca fala de melhorar-nos, ou de melhorar a nossa antiga vida ou natureza caída.

Deus faz algo muito mais radical.

Ele implanta dentro do crente uma vida nova (1 Pedro 1:23-2:3), que traz consigo uma nova natureza (2 Pedro 1:4; Colossenses 1:27; 3:3-4), com novos poderes e novos instintos e novos potenciais. É por isso que, em tempos passados, quando as pessoas se tornavam cristãs, elas tomavam ou recebiam um novo nome. Simão, por exemplo, foi chamado de Pedro (João 1:42). O novo nome não era a expressão de uma piedosa esperança de que, um dia, eles poderiam melhorar. Era o reconhecimento de que Cristo tinha lhes dado uma nova vida (Romanos 6:4), um novo poder, uma nova natureza, que não tinham antes. “O novo homem” ou “a nova natureza” (Colossenses 3:10), ou “a nova criação” (2 Coríntios 5:17) — estes são alguns dos termos que os primeiros cristãos usavam para esse dom da nova vida espiritual que receberam pela sua união com Cristo.

Receber essa nova vida não significava que sua antiga natureza caída havia desaparecido e não mais se fez vista ou ouvida. Mas receber a nova vida era como soltar um fruto de carvalho numa sepultura: isso não

melhoraria o cadáver; mas começaria a crescer uma nova vida, que, gradual e eventualmente, iria substituir tudo o mais.

Então, o crente em Cristo não tem mais uma natureza, mas duas, a velha e a nova. Ele é chamado pela decisão e pelo esforço constantemente renovados a despojar-se do velho homem (Efésios 4:22-23), a exterminá-lo (Colossenses 3:5), a não deixá-lo reinar (Romanos 6:12) e a revestir-se do novo, que constantemente é renovado (pois essa é uma característica da vida) em conhecimento, à imagem de Deus, seu Criador (Efésios 4:22-24).

Naturalmente, ocupa a vida inteira constantemente despojar-se do velho e cultivar o novo. É uma luta (Gálatas 5:16-17), uma guerra, em que não vencemos todas as batalhas, mas em que há perdão para a derrota (1 João 1:7-9) e a certeza do triunfo final (Romanos 5:2; 8:29-30). Em cada crente, a nova vida vai crescer e desenvolver-se até finalmente estar conforme o padrão do próprio Cristo.

O que acontece, podemos perguntar, se, tendo recebido essa nova vida, a negligenciarmos e estimularmos e favorecermos a velha? Isso importa?

Na verdade, importa.

Se agirmos dessa forma, Deus irá nos disciplinar. Nós devemos usar nossos novos poderes espirituais para evitarmos que a velha natureza caída assuma o controle. Senão, Deus terá de tomar medidas mais drásticas. Elas podem envolver doença ou mesmo morte física prematura. O assunto é tão importante que Paulo se estende longamente nele em 1 Coríntios 11:23-32. Toda a passagem é importante.

As disciplinas de Deus são solenes e sérias. Ele não permitirá, se formos verdadeiros seguidores de Cristo (Hebreus 12:3, 8-11; Filipenses 3:10-14), que nos tornemos presunçosos ou cínicos. Nem nos deixará satisfeitos com nós mesmos, até que Deus esteja satisfeito conosco. Mas note que, mesmo no extremo caso no qual um crente é removido pela morte física, sob a disciplina de Deus, por causa de seu viver descuidado, a Bíblia diz explicitamente que ele não será condenado juntamente com o mundo (1 Coríntios 11:32). A razão para isso é que, embora nosso gozo com Deus e o gozo de Deus conosco dependam de nosso cultivo da vida nova que recebemos por meio de Cristo, nossa aceitação por Deus nunca dependeu, e nunca dependerá, de nosso progresso espiritual, mas somente do que Cristo fez por nós pela sua morte. Nossa aceitação, portanto, permanece eternamente segura.

Essa, então, é a maneira de Deus nos tornar aquilo que fomos destinados a ser. É a única maneira eficaz e satisfatória (Gálatas 2:8; Colossenses 1:20-23).

### A SATISFAÇÃO DE TRABALHARMOS COMO FOMOS DESTINADOS A TRABALHAR

É lógico que, se Deus nos fez, e nos fez primeiramente (como a Bíblia diz) para realizarmos sua vontade e desempenharmos seu desejo (Apocalipse 4:11; Colossenses 1:16), nunca poderemos encontrar satisfação até trabalharmos como fomos destinados a trabalhar e desempenharmos o propósito para o qual Deus nos fez. Isso significa, é claro, abrir mão de nossos próprios caminhos e pensamentos onde quer que eles se difiram dos de Deus; isso significa dizer para sempre: *“Contudo não se faça a minha vontade, e sim a tua”*.

Francamente, para muitos de nós, isso soa como um modo de vida desolado e assustadoramente sem atrativos.

Não nos importamos de ser moderadamente religiosos; mas levar *“cativo todo pensamento à obediência de Cristo”*, como Paulo coloca (2 Coríntios 10:5), consultar Cristo como Senhor sobre tudo o que fazemos na vida e aceitar seu controle em tudo — bem, apenas um nascido santo, dizemos a nós mesmos, poderia considerar viver a vida assim; e mesmo ele, suspeitamos, dificilmente poderia apreciar isso.

Talvez seja bastante natural pensar assim. Mas isso mostra como, desavisados, formamos ideias bastante caluniosas sobre Deus, como se ele fosse um tirano ou um estraga prazeres. Pensar o que queremos sobre Deus, naturalmente, não muda o fato de que, como suas criaturas, é nosso dever servi-lo. Mas servir a ele meramente por um senso de dever é, novamente, menos do que satisfatório, e, mesmo se conseguíssemos fazê-lo, isso tende a provocar em nós um espírito de mártir, uma atitude desagradável do tipo, *“que bom rapaz eu sou”*.

O único modo satisfatório e gratificante de servir a Deus é servir-lhe de bom grado e alegremente, com todo o nosso coração, mente, alma e força; mais por amor do que por dever.

Mas como isso pode ser feito?

Você pode forçar-se a servir a Deus, mas você não pode fazer-se amá-lo. Então, qual é o segredo de amar e servir a Deus como fomos feitos para fazer?

O próprio Paulo nos diz. É uma mistura de amor e lógica. Quando começamos a entender o que Cristo

fez por nós, nossa gratidão não só afeta o modo como nos sentimos, como também apresenta poderosas implicações na maneira como vivemos nossa vida. Paulo, com seu esmagador senso do amor de Cristo por ele pessoalmente, é compelido a ver que: “...esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gálatas 2:20). E, novamente: “Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2 Coríntios 5:14-15).

Paulo, como ele nos diz (Filipenses 3:4-6), sempre fora religiosamente intencionado, mas ele nem sempre pensara assim. Em sua jovem idade adulta, ele pensava que servir a Deus era uma forma de armazenar mérito e que esse era um meio de alcançar a salvação. E, então, ele foi servir a Deus com imensa eficácia e com determinação. Mas tudo o que isso conseguiu fazer por ele — e é ele quem diz isso de si mesmo — foi amontoar uma carga de obras religiosas que não valiam absolutamente nada, e pior do que nada na visão de Deus (Filipenses 3:7-8), e transformá-lo em um homem orgulhoso, duro e cruel (1 Timóteo 1:13; Atos 26:9-11).

A mudança veio quando ele descobriu quem Cristo realmente era, o que Cristo realmente fizera por ele e por que precisava que Cristo fizesse isso por ele afinal. Ele descobriu que, longe de ser o sucesso religioso que pensava ser, ele era um pecador miserável e desprezível. Seus supostos méritos eram um lixo censurável, seus exercícios religiosos, sem valor; a lei de Deus, que até então ele imaginara haver guardado, somente o

condenava.

E, então, ele descobriu Cristo. Descobriu quem ele era. Este Jesus, a quem ele tinha ofendido e perseguido em nome de Deus, não era outro senão Deus encarnado.

A descoberta era perturbadora.

Isso expôs a religiosidade de Paulo como a expressão de sua própria obstinação; o impulso e serviço de seu próprio ego sob o disfarce da religião, em real (embora oculta e inconsciente) oposição a Deus.

Então, ele descobriu algo mais sobre o Filho de Deus, e a descoberta revolucionou toda a motivação de sua vida.

Ele descobriu que, mesmo quando era seu inimigo, este Jesus o amava pessoalmente e morrera voluntariamente por Paulo, para que Paulo não precisasse morrer sob a ira de Deus.

O efeito sobre Paulo foi de incessante gratidão.

Mas não só gratidão. A pura lógica o fez ver que, se Cristo não tivesse morrido por ele, ele próprio teria morrido.

A vida que ele vivia agora, portanto, devia-se inteiramente a Cristo. Já não era sua própria; pertencia a Jesus, comprada pela morte que a redimira (1 Coríntios 6:19-20). Portanto, ela deveria ser vivida inteiramente para Jesus. E ele, alegremente e de bom grado, viveu-a dessa forma. Somente isso poderia satisfazer ao amor de Paulo por Jesus.

A próxima descoberta que Paulo fez foi que, quando, em amor e em gratidão, alguém submete sua vida ao controle de Cristo, o jugo de Cristo é, na verdade,

suave, como o próprio Jesus afirma, e o seu fardo é leve (Mateus 11:28-30).

Cristo é, afinal, nosso Criador. Ele sabe como nós fomos feitos para trabalhar. Seu controle e sua disciplina não são uma tirania, forçando-nos a viver artificialmente. Esse controle é necessário para salvar-nos de arruinarmos a nós mesmos com a frustração de vivermos perpetuamente lutando contra o plano de nosso Criador para nós. É o único caminho verdadeiro para a realização pessoal, para vivermos e trabalharmos como fomos destinados a viver e a trabalhar.

E a outra descoberta que Paulo fez foi a da grande recompensa em servir a Cristo (1 Coríntios 3:11-15). A recompensa não é a salvação, é claro, ou a aceitação de Deus. A recompensa é pelo trabalho realizado (1 Coríntios 3:14), ao passo que a salvação nunca é o resultado do trabalho feito; é dada como um dom gratuito (Efésios 2:8-10).

A recompensa em trabalhar para Cristo é, primeiramente, a pura alegria e a satisfação de saber que agradamos ao Senhor (Mateus 25:23). Em segundo lugar, é a satisfação de conseguirmos algo eternamente significativo e que vale a pena (1 Coríntios 3:14; 1 Pedro 5:4). E, em terceiro lugar, é descobrir que desenvolvemos nosso potencial para fazer um trabalho maior e mais significativo (Lucas 19:16-17).

Se Paulo tivesse um lema, penso que teria sido este: *“Para mim, o viver é Cristo”* (Filipenses 1:21). E, quando ele veio a morrer, não havia o menor arrependimento. Nada, exceto satisfação (2 Timóteo 4:6-8).

Podemos ser tentados a pensar, é claro, que Paulo era tão santo que sua experiência é irrelevante à nossa.

Mas não é assim. Ele mesmo nos diz que Deus projetou sua conversão como um padrão para todos os outros (1 Timóteo 1:16).

### A SATISFAÇÃO DE SABER O QUE ESTÁ ACONTECENDO

Não saber o que está acontecendo pode ser muito frustrante. Alguém lhe pedir ou você ser obrigado a trabalhar em algum esquema sem ninguém lhe dizer o que é exatamente o esquema; alguém esperar que você lute e faça sacrifícios sem saber se o esquema é bem-sucedido ou não, se os sacrifícios serão justificados no final ou se tudo vai acabar em fracasso ou em desastre — essa é uma forma pouco tentadora e insatisfatória de continuar.

Infelizmente é assim que muitas pessoas vivem, trabalham e morrem. Com esquemas e com projetos de vida menores, seus próprios planos e ambições, elas tentam justamente definir seus objetivos, estimar suas chances de sucesso, decidir se o sucesso, quando alcançado, vai valer o esforço empregado para realizá-lo.

Mas sobre o propósito da própria vida e o que está além dela; e se os sacrifícios e as labutas da vida provarão, no final, ter servido para algum objetivo eterno de valor, ou se toda a vida vai acabar em desastre eterno, sobre tudo isso, eles têm apenas uma vaga ideia e as esperanças mais incertas. Alguns até mesmo supõem que viver na incerteza é como nós fomos feitos para viver, que, de qualquer maneira, é isso o que a fé significa: viver corajosamente com a incerteza. Mas, é claro, a fé no sentido bíblico é exatamente o oposto da incerteza. “A fé”, diz a Bíblia (Romanos 10:17), “vem pela

*pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo”.*

Fé, em outras palavras, é a nossa resposta para o que Deus nos fala. E, se Deus nos diz qualquer coisa, a última coisa no mundo que devemos ter é incerteza. Quando ouvimos a Cristo, então, ele expulsa a incerteza.

Descobrimos nele não só aquele que criou todas as coisas, mas aquele *para* quem todas as coisas foram criadas (Colossenses 1:16). Ele herdará todas as coisas: os vastos proventos da história serão dele; ele é o objetivo de todas as coisas (Hebreus 1:2). E há mais, ele não nos mantém no escuro a respeito de seus propósitos, quer para nós pessoalmente quer para o mundo em geral. Obviamente, como criaturas finitas, há muito sobre o mundo vindouro que não nos pode ser dito, uma vez que nós não poderíamos, em nossa presente condição, compreender. Mas muito nos é dito e, certamente, o suficiente para satisfazer a fé e para preencher a vida com significado e com propósito.

*“Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer.”* (João 15:15) Então, nos é dado a saber que Jesus, que se ausentou de nós na ascensão, está para retornar. *“Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também.”* (João 14:2-3) Então, aqui temos aquela esperança certa da ressurreição na segunda vinda de Cristo, reservada a nós para nosso conforto e nosso encorajamento (1 Tessalonicenses 4:13-18).

Morte não é a palavra final; ela não terá a vitória fi-

nal (1 Coríntios 15:54-58). Ela não reduz a vida a nada e, conseqüentemente, à insignificância final. Cristo virá outra vez; e *Maranata* — em aramaico, “O Senhor virá” (1 Coríntios 16:22), é a palavra de ordem de cada cristão.

Entretanto, até esse grande evento, ao crente individual é dito o que vai acontecer com ele pessoalmente na morte. Como um exilado que viveu fora de casa a negócios, mas, depois, quando o negócio é terminado, vai para casa, assim o crente, na morte, parte para estar com Cristo (Lucas 23:43; Filipenses 1:23; 2 Coríntios 5:6-8), para estar em casa com o Senhor.

Isso é tremendamente confortante para o indivíduo. Mas, maravilhoso como é, Deus planeja fazer muito mais do que salvar e criar indivíduos perfeitos. Cristo nos diz que toda a criação será restaurada. Não é para a natureza estar sempre acorrentada à frustração da corrupção e da decadência. “*A própria criação será redimida do cativo da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.*” (Romanos 8:21) O que isso significa em termos práticos detalhados não nos é dito, e, sem dúvida, não poderíamos compreender em nosso presente estado limitado. Nem importa. O grande ponto é que a encarnação e a ressurreição corporal do Senhor Jesus se combinam para nos dizer que a matéria é basicamente boa. O mundo da natureza não é uma ilusão, nem um ciclo sem sentido do qual, se formos sábios, tentaremos escapar.

O mundo material é uma boa ideia do próprio Deus. Ele vem sendo temporariamente estragado pela rebelião de criaturas inteligentes e moralmente responsáveis contra o Criador. Mas essa condição não deve ser permanente. A própria criação deve ser conciliada e

feita para servir à vontade do Criador (Colossenses 1:20). A matéria eventualmente funcionará perfeitamente para a glória de Deus.

Existe, então, um propósito dentro da história, escondido talvez, mas realmente presente. O esforço humano não é, afinal das contas, em vão. A ressurreição de Cristo é descrita como as primícias de uma colheita, que incluirá a ressurreição dos reconciliados com Deus. Se somos crentes, isso nos dará confiança para vivermos e trabalharmos na íntegra, pois sabemos que o que fazemos não é sem sentido (1 Coríntios 15:58). Eis, então, a satisfação.

Que ninguém diga que é escapismo. Isso sugere que cada decisão, cada ação aqui nesta vida, é de consequência eterna, visto que o cristão tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser (1 Timóteo 4:8). Para os incrédulos, isso significa que esta vida irá, no final, para sempre provar ter sido demasiadamente significativa (João 3:36; Apocalipse 21:8; Mateus 12:36-37).

### O CAMINHO PARA A SATISFAÇÃO

Se existe satisfação espiritual, então, como eu a obtenho? Devemos estar brincando se, no final, não trouxermos toda a questão a essa pergunta pessoal e prática.

A resposta é muito simples. *“Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo”*, dizem as Escrituras (Atos 16:31). Mas a pura simplicidade disso pode ser tentadoramente difícil. Todos nós, ou a maioria de nós, afinal, não acreditamos em Jesus em algum sentido?

De certo modo, sim; mas, obviamente, a crença que

realmente recebe de Jesus a satisfação que ele reserva para nós precisa ser, de alguma forma, mais profunda, real e intimamente pessoal do que um tipo de crença superficial e geral em Jesus.

A verdadeira fé, diz a Bíblia (Romanos 10:17), vem de ouvir Jesus falar. Naturalmente, não se trata de ouvir vozes inesperadamente; mas ouvir Jesus falar através da Bíblia, permitindo-lhe, pelo seu Espírito, tornar sua palavra uma realidade viva e criativa para nós. Por essa mesma razão, ele deixou registrada para nós uma conversa que teve com uma mulher sobre esse mesmo tema de receber a satisfação espiritual. Aqui está a história. Leia-a. Leia-a mais de uma vez. E, enquanto escuta Jesus falar com uma mulher há todos esses séculos, ore para que ele, por meio de seu Espírito, fale com você agora. E ele irá (João 6:37).

*“Chegou, pois, a uma cidade samaritana, chamada Siccar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José. Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta. Nisto, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. Pois seus discípulos tinham ido à cidade para comprar alimentos. Então, lhe disse a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se dão com os samaritanos)? Replicou-lhe Jesus: Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva. Respondeu-lhe ela: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? És tu, porventura, maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, e, bem assim, seus filhos, e seu gado? Afirmou-lhe Je-*

*sus: Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna. Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la. Disse-lhe Jesus: Vai, chama teu marido e vem cá; ao que lhe respondeu a mulher: Não tenho marido. Replicou-lhe Jesus: Bem disseste, não tenho marido; porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade. Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que tu és profeta. Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade. Eu sei, respondeu a mulher, que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas. Disse-lhe Jesus: Eu o sou, eu que falo contigo.” (João 4:5-26)*

